



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE DO PARANÁ**  
Centro de Letras, Comunicação e Artes  
Mestrado Profissional em Letras em Rede



---

**VALMIR DO NASCIMENTO SOUSA**

**PROPOSTA DIDÁTICA:  
OFICINAS DE LEITURA “DIALOGANDO COM A CULTURA  
AMAZÔNICA”**

VALMIR DO NASCIMENTO SOUSA

**PROPOSTA DIDÁTICA:**  
OFICINAS DE LEITURA “DIALOGANDO COM A CULTURA  
AMAZÔNICA”

Produto educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Letras em Rede (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), como requisito à obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves Valente.

## OFICINAS DE LEITURA “DIALOGANDO COM A CULTURA AMAZÔNICA”

Esta proposta didática apresenta as *oficinas de leitura* que darão suporte artístico-cultural à leitura da narrativa *Antes que o mundo acabe* (CUNHA, 2018) à luz do Método Criativo (BORDINI; AGUIAR, 1988), trazendo para sala de aula manifestações representativas da cultura amazônica, no sentido de romper estereótipos, buscar uma reafirmação identitária e uma aproximação com as raízes socioculturais dos povos amazônicos, valorizando os saberes construídos ao longo dos séculos na região, como suporte ao processo de formação literária dos alunos.

Esta proposta pedagógica busca desenvolver, a partir do *método criativo*, o potencial literário de alunos do 8º ano da EMEF Professora Raimunda Cabral da Silva, a partir de oficinas de leituras, alternando entre leitura de capítulos da obra *Antes que o mundo acabe* e elementos artísticos culturais amazônicos. A proposta de oficinas será distribuída da seguinte forma: Oficina 1: Poemas amazônicos – *Silêncio guerreiro*, de Márcia Wayna Kambeba; Oficina 2: Contos amazônicos – *O roubo do fogo*, de Daniel Munduruku; Oficina 3: Lendas amazônicas – *Acauã*, de Inglês de Sousa; Oficina 4: Músicas amazônicas – *Olhando Belém*, de Nilson Chaves e Celso Viáfora; Oficina 5: Imagens amazônicas – *O carro dos milagres*, de Benedicto Monteiro; Oficina 6: Danças típicas amazônicas – *Batuque* ou *Cantiga de Batuque*, de Bruno de Menezes; Oficina 7: Festivais folclóricos amazônicos – *Festa do boi bumbá*, de Zezinho Corrêa; Oficina 8: Pinturas amazônicas – *Homem defumando*, de Hélio Melo; Oficina 9: Culinária amazônica – *Sabor açai*, de Nilson Chaves e Lucinha Bastos; Oficina 10: Contação de histórias amazônicas – *O encanto de Honorato*, de Joana Matos (informante), Ruth H. Dias (pesquisadora), Maria do Socorro Simões e Christophe Golder (coordenadores).

Cada oficina foi estruturada de modo a relacionar a leitura da narrativa conforme a trama, perfazendo o percurso do protagonista da obra *Antes que o mundo acabe* a aspectos culturais amazônicos, construindo significações entre o literário e o imagético (fotografia, desenho, pintura, música, entre outros), em processo dialógico com esses textos que, além de abordar temáticas relacionadas ao fazer artístico amazônico, buscam trazer para o plano da reflexão questões sociais e identitária dos povos da Amazônia: costumes, ritos, mitos, lendas e tradições, para que os alunos possam perceber e se reconhecer pertencentes a essa região. Nesse sentido, o trabalho com o literário em sala de aula, atrelado ao método criativo pode ser um

caminho a trilhar, chamando a atenção desses alunos a perceber, no contexto social amazônico, traços identitários de sua formação étnico-cultural.

## OFICINA 1: POEMAS AMAZÔNICOS

### OBJETIVO:

Apresentar poemas amazônicos como forma de aproximar o aluno de suas raízes culturais.

### Márcia Wayna Kambeba

Márcia Wayna Kambeba, da etnia Omágua Kambeba, do Amazonas. Cresceu em uma aldeia do povo Ticuna e reside hoje no Pará. Aos 8 anos, ela se mudou para a cidade, porém visitava a aldeia com frequência<sup>1</sup>. Poeta, cantora, compositora e geógrafa pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Fez mestrado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pesquisa o território e identidade de sua etnia. Em sua luta na literatura e na



Fonte: [https://1.bp.blogspot.com/-MJumOBhre-k/WyKie0hmmXI/AAAAAAAAAMdU/t\\_zc72cAIMolJsU46mkb0cyMxhPQQuunwCLcBGAs/s1600/M%25C3%25A1rcia%2BWayna%2BKambeba.jpg](https://1.bp.blogspot.com/-MJumOBhre-k/WyKie0hmmXI/AAAAAAAAAMdU/t_zc72cAIMolJsU46mkb0cyMxhPQQuunwCLcBGAs/s1600/M%25C3%25A1rcia%2BWayna%2BKambeba.jpg)

música, aborda, sobretudo, a identidade dos povos indígenas, territorialidade e a questão da mulher nas aldeias. Em 2013, lançou o livro *Ay Kakyri Tama*, que reúne textos poéticos e fotografias da vivência do seu povo dentro das cidades<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/marcia-kambeba-culturas-indigenas>. Acesso em: 10 out. 2020.

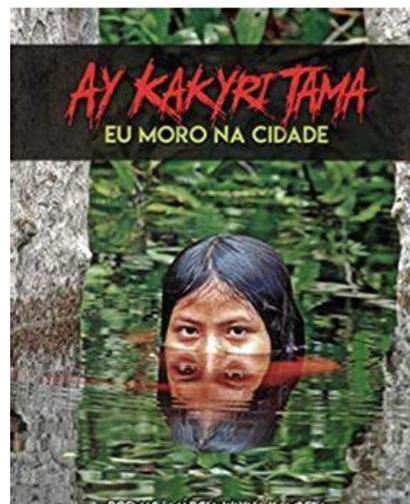
<sup>2</sup> Disponível em: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/06/poemas-de-marcia-wayna-kambeba.html>. Acesso em: 15 fev. 2021.

## SILÊNCIO GUERREIRO

O poema *Silêncio Guerreiro* é parte integrante do livro *Ay Kakyri Tama*:

No território indígena  
O silêncio é sabedoria milenar  
Aprendemos com os mais velhos  
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha  
Resisti, não fui vencido  
Fiz do silêncio a minha arma  
Pra lutar contra o inimigo. (Márcia Kambeba)



Fonte:  
<https://lojasaraiva.vteximg.com.br/arquivos/ids/6918315-287-426/644127.jpg?v=637074485542670000>

### PROCEDIMENTOS:

- O professor apresenta o título e algumas palavras-chave do poema, levando a turma a inferir possíveis sentidos neles contidos.
- O professor faz uma leitura do poema em voz alta para toda a turma, instigando para que comente sobre a obra.
- Os alunos leem o poema individual e silenciosamente após a leitura do professor.
- Os alunos, divididos em dupla, são instigados a relacionar o poema a seu contexto sociocultural.
- A dupla, a partir da leitura e das discussões realizadas sobre o texto, é levada a produzir uma pintura.

**Antes que o mundo acabe:** nesta oficina ao abordar a questão identitária dos povos indígenas amazônicos, os alunos estarão lendo os capítulos 1, 2 e a primeira carta de Daniel Vaz para Daniel. Pode-se fazer um paralelo entre os nativos tailandeses com os indígenas amazônicos, relacionando os modos de vida dos nativos aos modos de vida das pessoas da cidade; pode-se abordar também sobre as contribuições desses povos para o cotidiano dos moradores das cidades, enfatizando a questão identitária desses povos.

## **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Papel cartão;
- Cartolina;
- Tinta guache;
- Pincel.

## **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, ao colocar em evidência na sala de aula poemas amazônicos, é possível mobilizar alguns aspectos que levem os alunos a compreenderem a relação índio-natureza como uma condição mística em que o sagrado fica evidente como também o pertencimento em que homem-natureza tornam-se um só, por isso a simbologia da pintura se torna algo fundamental, porque ela é uma forma de significação icônica dos povos indígenas e, enfatizar a “[...] ideia de integração entre índios e não índios, torna-se de fundamental importância colocar o discente em contato com produções culturais que possam se identificar e se reconhecer como indígenas” (BRANDILEONE; VALENTE, 2018, p. 205). Dessa forma, uma sugestão é que os alunos expressem a relação entre comunidade indígena – natureza através da pintura, isso porque essa forma artística estimula a criatividade, favorece a resistência ao apagamento da identidade cultural desses povos pela cultura supostamente dominante e ajuda a compreender a diversidade cultural amazônica como forma de romper estereótipos que permeiam a visão exótica sobre o índio e o homem amazônicos.

## **OFICINA 2: CONTOS AMAZÔNICOS**

### **OBJETIVO:**

Aproximar os estudantes da leitura de contos amazônicos como forma de despertar o gosto pelo literário, no sentido de reafirmar a identidade dos povos indígenas, tão presente nas tradições culturais da região amazônica.

## Daniel Munduruku

Daniel Munduruku Monteiro Costa Nasceu em Belém do Pará, em 1964. Escritor e professor. Escritor de livros infantojuvenis, Daniel também tem experiência na área de educação, com ênfase na educação indígena. Doutor em educação pela Universidade de São Paulo (USP),

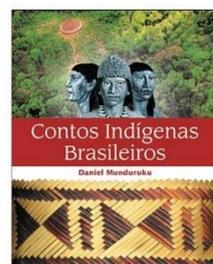
Seus trabalhos literários como *Histórias de Índio* (1996) e *Vó Coruja* (2014) trazem a temática indígena através de contos e lendas e também depoimentos de suas experiências no chamado "mundo dos brancos". Sua atuação na literatura bem como na educação focada em literatura, língua e práticas indígenas contribuem para a divulgação da diversidade étnico-cultural indígena e sua contribuição para a constituição de uma identidade brasileira<sup>3</sup>.



Fonte:  
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641354/daniel-munduruku>

## O ROUBO DO FOGO

O conto *O roubo do fogo* aborda a questão da origem do fogo na mitologia do povo indígena Guarani. Versa a história que os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade eles sabiam apenas que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus (Daniel Munduruku).



Fonte:  
<https://www.livrariadavila.com.br/contos-indigenas-brasileiros-14414/p>

## PROCEDIMENTOS:

- O professor faz a leitura parcial da narrativa, instigando os alunos para comentarem sobre as ações dos personagens e sobre o possível desfecho da história.
- Os alunos, oralmente, tecem seus comentários sobre as personagens, dando sequência à história conforme sua inferência.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641354/daniel-munduruku>. Acesso em 19 fev. 2021.

- c) O professor apresenta aos alunos a obra como um todo para que eles façam uma leitura compartilhada, comparando-a com os desfechos propostos por eles.
- d) A turma, em equipe, busca relacionar a narrativa a lendas e/ou episódios histórico-culturais amazônicos.
- e) A turma é dividida em equipe, escolhe um momento da narrativa para apresentar em forma de dramatização.

**Antes que o mundo acabe:** nesta oficina ao abordar a temática da diversidade cultural dos povos indígenas, os alunos estarão lendo os capítulos 3, 4 e a segunda carta de Daniel Vaz para Daniel, com fotografias. Pode-se pedir para que os alunos produzam pequenos contos a partir da experiência de leitura de Daniel, através das fotografias enviadas por seu pai biológico, enfatizando a vivência desses povos à dos povos indígenas amazônicos.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Figurino;
- Maquiagem;
- Tinta;
- Papel sulfite, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, trabalhar contos que abordem a temática e a diversidade cultural indígena pode ser uma forma de chamar a atenção do aluno para buscar desmistificar estereótipos sobre os povos indígenas, a partir do olhar de um escritor também indígena com seus modos de ser e viver. Nesse sentido, Munduruku, em suas obras, “[...] busca causar inquietações em seus leitores, o que, de acordo com ele, já é um indício de mudança dos não-indígenas que as leem, pois todas retratam a vida e a cultura dos ancestrais” (FOLLE, 2017, p. 66). Em *O roubo do fogo*, mito guarani sobre a origem do fogo, demonstra que o lendário e o mitológico são importantes fontes de ensinamentos sobre a realidade, pois “[...] apresentar as lendas e mitos aos alunos torna-se um ato de cidadania, pois a comunidade tem o direito de conhecer e perceber que não se trata apenas de histórias fantásticas e sim de ensinamentos sobre o mundo em que vivemos”

(DE SÁ; EGAS, 2015, p. 25513). Outro ponto importante a ser abordado com os alunos é a questão da preservação da identidade artístico-culturais dos povos indígenas, chamando a atenção para o processo de formação e afirmação identitária dos povos que formam a região amazônica.

### **OFICINA 3: LENDAS AMAZÔNICAS**

#### **OBJETIVO:**

Levar o aluno a perceber nas lendas amazônicas elementos de identidade cultural dos povos da região.

#### **Inglês de Sousa**

Inglês de Sousa (Herculano Marcos Inglês de Sousa), advogado, professor, jornalista, contista e romancista, nasceu em Óbidos, PA, em 28 de dezembro de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de setembro de 1918. Compareceu às sessões preparatórias da criação da Academia Brasileira de Letras, onde fundou a cadeira nº 28. Fez os primeiros estudos no Pará e no Maranhão. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1876. Com Antônio Carlos Ribeiro de Andrade e Silva publicou, em 1877, a *Revista Nacional*, de ciências, artes e letras. Foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo. Fixou-se no Rio de Janeiro, como advogado, banqueiro, jornalista e professor de Direito Comercial e Marítimo na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Foi presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros. Foi o introdutor do Naturalismo no Brasil, mas seus primeiros romances não tiveram repercussão. Tornou-se conhecido com *O missionário* (1891). Nesse romance, descreve com fidelidade a vida numa pequena cidade do Pará, revelando agudo espírito de observação, amor à natureza, fidelidade a cenas regionais<sup>4</sup>.



Fonte:  
<https://www.academia.org.br/sites/default/files/academicos/fotografias/ingles-de-souza.jpg>

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ingles-de-souza/biografia>. Acesso em: 15 fev. 2021.

## ACAUÃ

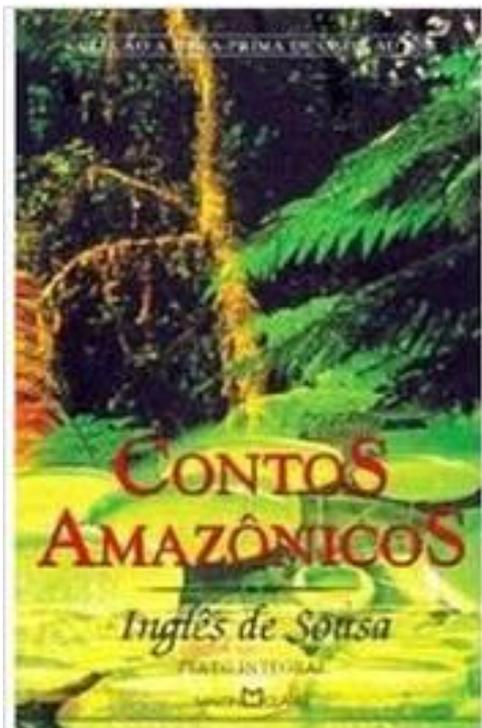
O conto *Acauã* faz parte da coletânea de narrativas intitulada *Contos Amazônicos*, que nos transporta para histórias curtas, em pleno cenário Amazônico, no qual o leitor encontra a floresta, a água e uma imensa biodiversidade e, claro, o homem caboclo. Portanto, o autor nos leva do lendário ao real, do mítico ao científico.

O conto *Acauã* narra a história de um ribeirinho que sai para caçar numa Sexta-Feira Santa, pois estava triste devido à morte de sua esposa. Nessa caçada acaba por se perder na floresta após ouvir o canto de um pássaro. Uma grande tempestade cai e, cansado, o caçador acaba desmaiando, sendo despertado somente com o raiar do dia. Ao levantar a cabeça percebe que se encontrava próximo a sua residência às

margens do rio Nhamundá de onde avista um objeto vindo em sua direção e, ao aproximar-se, vê que se trata de uma canoa com uma criança dentro. Comovido com a situação, leva a criança para criar junto a sua filha biológica. Ambas as moças crescem prometendo ser bonitas e vistosas, porém com a passar do tempo a filha biológica torna-se franzina e tristonha ao passo que a filha adotiva se torna robusta e forte. Em plena mocidade, a filha legítima do caboclo é pedida em casamento por duas vezes: na primeira, ela desiste do matrimônio por influência da irmã, já na segunda o pai obriga a filha a casar trancando-a no quarto até a data da cerimônia, com isso a filha adotiva fica furiosa e desaparece na mata. Chegado o dia do casamento, a filha adotiva aparece à porta da sacristia toda transfigurada, olhando fixamente à irmã que começa a se debater até cair no chão. Nesse momento ouve-se o canto de um pássaro no telhado da igreja e todos ficam em polvorosos com a situação.

## PROCEDIMENTOS:

a) O professor apresenta pessoas da comunidade à turma para um momento de contação de lendas, levando os alunos a perceberem traços de sua identidade cultural nas lendas contadas.



Fonte:

<http://lojasaraiva.vteximg.com.br/arquivos/ids/1544069/179129.jpg?v=637004180549200000>

b) Os alunos são motivados a apresentar, oralmente, lendas do cotidiano da comunidade.

c) A turma, dividida em equipes, escolhe uma das lendas contadas para expor em forma de histórias em quadrinhos, já trabalhadas em aulas anteriores.

**Antes que o mundo acabe:** nesta oficina ao abordar a temática da preservação da cultura local: costumes, lendas, tradições e modos de vida do homem amazônico, os alunos estarão lendo os capítulos 5, 6 e a terceira carta de Daniel Vaz para Daniel, com fotografias. Neste momento, deve-se solicitar ao aluno que, analisando o ambiente onde Daniel vive, troque o contexto social de uma cidade grande, pelo contexto social de uma cidade pequena do interior da Amazônia brasileira. Será que o protagonismo seria o mesmo se Daniel não estivesse imerso numa cultura urbana de uma cidade grande? Será que ele ficaria tão surpreso ao perceber a realidade de outras culturas ao redor do mundo? Como você agiria se estivesse no lugar de Daniel ao se deparar com a realidade de outros povos através de cartas e fotografias enviadas por alguém a você? Se fosse hoje, como você faria para se comunicar com alguém sem acesso à internet e a telefone? Usaria o mesmo meio de comunicação utilizado por Daniel e Daniel Vaz?

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Papel cinquenta quilos;
- Lápis de cor;
- Giz de cera;
- Canetinha, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, é importante ressaltar que o conto *Acauã* apresenta a vida simples dos moradores ribeirinhos, como forma de preservação da cultura local, seus costumes, lendas e tradição, ficando evidente que quanto mais longe dos grandes centros urbanos mais as raízes culturais de uma sociedade podem manter-se preservadas e vivas no imaginário popular. Ressalta-se também que o autor parece

criticar todo esse misticismo presente no cotidiano das pessoas simples que vivem às margens dos rios amazônicos, chamando a atenção para o atraso social ao qual esses moradores estão destinados. Nesse contexto, a obra pode ser considerada como “[...] uma representação ficcional dessa realidade organizada pela posição de mando econômico e político de grupos hegemônicos sobre outros viventes na plenitude da miséria e da ignorância” (FIGUEIRA, 2020/1, p. 336). A narrativa ainda demonstra que “[...] O ponto de convergência da história é o mito da Boiúna, mas todos os eventos são matizados pelas sombras aéreas da ave *acauã*, pássaro anunciador de presságios, na crença indígena” (FIGUEIRA, 2020/1, p. 338). Professor, o texto é muito rico em aspectos representativos da cultura amazônica, podendo ser explorados, a partir de seu olhar sobre o conto, outros elementos não abordados nesta proposta.

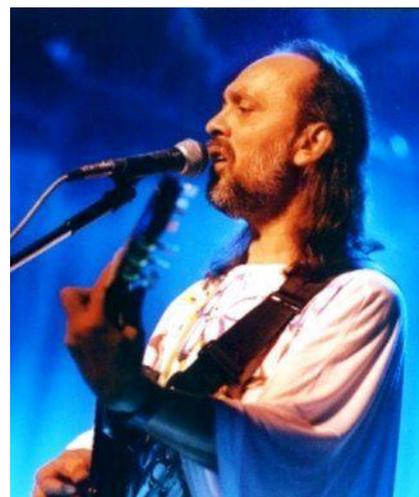
#### **OFICINA 4: MÚSICAS AMAZÔNICAS**

##### **OBJETIVO:**

Perceber na música traços identitários da cultura amazônica, buscando no fazer musical e no literário, elementos característicos da região.

##### **Nilson Chaves**

Nilson Chaves, nasceu em Belém do Pará onde começou sua carreira participando de festivais de música e compondo para grupos de teatro paraenses. Por volta de 1975 decide mudar-se para o Rio de Janeiro onde canta em casas de shows, compõe para espetáculos de teatro e dança e torna-se parceiro, entre outros, de Luli e Lucina e Thereza Tinoco, que registram essas parcerias em discos. Vencedor de vários festivais, lança seu primeiro *LP*, faz shows e o tempo se incube de mostrar-lhe que é na terra natal que corre a seiva de sua música. Dono de uma voz suave e sensibilidade de um compositor que capta as saudades e

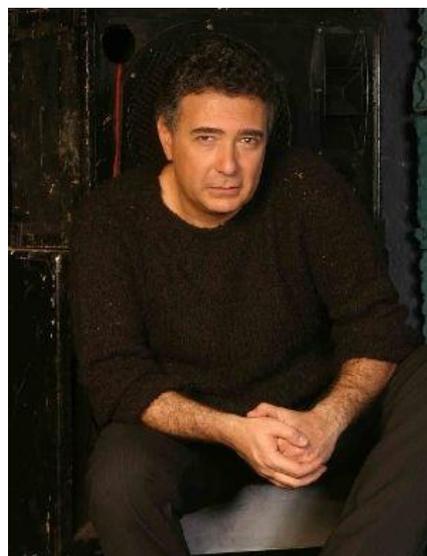


**Fonte:**  
<https://www.lettras.com.br/arquivos/fotos/artistas/main/203/20236.44058.jpg>

lembranças de sua terra, Nilson Chaves, ao deixar fluir essa combinação, encontrou seu caminho de cantador e violeiro amazônico<sup>5</sup>.

### **Celso Viáfora**

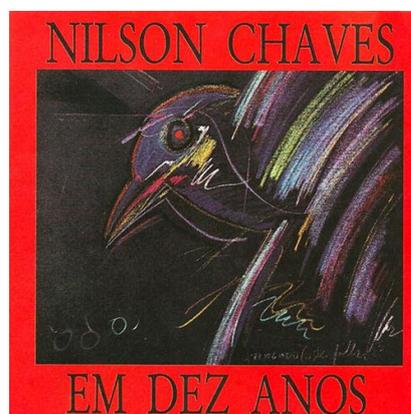
Compositor, intérprete, violonista e arranjador paulistano, iniciou seus estudos de formação musical na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e, posteriormente, fez o curso de arranjo com o maestro Néelson Ayres no Conservatório do Brooklin. Durante os primeiros anos, venceu festivais, escreveu trilhas para teatro, percorreu o Brasil. Tornou-se um *hit* inicialmente em Belém do Pará, Manaus e Macapá e, depois disso, percorreu o Brasil nas vozes dos cantores da noite, dos cantadores amadores, dos amantes de música<sup>6</sup>.



Fonte:  
<https://www.letras.com.br/arquivos/fotos/artistas/main/168/16728,116866.jpg>

### **OLHANDO BELÉM**

Olhando Belém fala sobre a capital da Amazônia na visão dos Paraenses. O moderno sobrepondo o natural, juntando-se e alterando essa visão entre prédio – palafita, carro – canoa, urbano – ribeirinho, artificial – natural. As estranhezas são decorrentes do tempo do rio que se mostra diferente do tempo da cidade, dos grandes edifícios modernos, frutos da alta tecnologia diante da floresta, do rio e da vida simples do caboclo amazônico<sup>7</sup>.



Fonte:  
<https://direct.rhapsody.com/imageserver/images/alb.165889441/500x500.jpg>

### **PROCEDIMENTOS:**

a) O professor apresenta, inicialmente, a letra da música, faz a leitura à turma; depois os alunos fazem uma leitura compartilhada, posteriormente eles acompanham a letra com a melodia.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.letras.com.br/nilson-chaves/biografia>. Acesso em: 15 fev. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.letras.com.br/celso-viafora/biografia>. Acesso em: 15 fev. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://periodicos.uff.br/ensaios\\_posgeo/article/view/36285](https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/36285). Acesso em: 15 fev. 2021.

- b) Os alunos são convidados a comparar letra da canção a outras formas artísticas, tecendo comentários sobre esse tipo de composição artística.
- c) A turma é dividida em duplas para que os alunos possam compor paródias e apresentarem às demais turmas da escola.
- d) Cada dupla produz um desenho/pintura representativo da canção em estudo.

**Antes que o mundo acabe:** nesta oficina ao abordar aspectos da cultura amazônica como a música, enfatiza-se festas, festividades, comemorações e rituais religiosos tão representativos da cultura local, os alunos estarão lendo o capítulo 7, e a quarta carta de Daniel Vaz para Daniel. Neste ponto, pode-se questionar com os alunos o tipo de música que Mim (namorada de Daniel) toca? Se ela morasse na região amazônica que música tocaria? Você conhece alguma banda brasileira que apresenta o mesmo ritmo de música tocado pela banda da Mim? Vocês conhecem alguma banda de roque da Amazônia? Pode-se solicitar aos alunos para fazer uma música da personagem Mim para o protagonista Daniel, abordando a letra e o contexto da obra; pode-se fazer também uma oficina de música, apresentando os diversos ritmos musicais amazônicos; pode-se solicitar aos alunos para recontextualizarem, nas cartas, os eventos musicais onde a escola está inserida, simulando a descrição de Daniel para com o pai através dessas cartas.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Mídias digitais;
- Instrumentos musicais;
- Papel sulfite;
- Lápis de cor
- Giz de cera, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, o fazer pedagógico com a música é uma boa oportunidade para trabalhar no aluno a concepção de que essa forma de composição artística possibilita

o desenvolvimento do raciocínio, criatividade, criticidade, dons e aptidões, além disso “[...] está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas, etc” (OLIVEIRA JR; CIPOLA, 2017, p. 129), carregando consigo o peso das tradições culturais de um povo. Nesse sentido, a canção *Olhando Belém* chama a atenção para o grande contraste entre a Belém como metrópole e a Belém na perspectiva do caboclo ribeirinho. A letra da canção “[...] reitera a Amazônia como um lugar onde convivem o “moderno” e o “primitivo”, sem se estabelecer a questão como um problema a ser resolvido [...], mas como parte de uma condição “natural” desta região” (SOUZA, 2017, p. 357). É importante destacar que Belém é a cidade das águas, da floresta, do cheiro, dos sabores, do ritmo de uma musicalidade que reflete todos esses aspectos para lembrar que o pertencimento do homem amazônico não se apagou com a chegada desse moderno.

## OFICINA 5: IMAGENS AMAZÔNICAS

### OBJETIVO:

Observar e registrar, com um olhar mais apurado, lugares e seres da comunidade e seu entorno, a partir da lente da câmera fotográfica.

### Benedito Monteiro

Benedicto Monteiro ou Benedicto Wilfred Monteiro nasceu em Alenquer, Estado do Pará em 1924 e faleceu em 2008, aos 84 anos de idade. Escritor, jornalista, advogado e político. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Pará. Tem uma bibliografia generosa. E em sua honra a Biblioteca da Universidade Federal do Pará se chama Biblioteca Benedicto Monteiro.

O escritor Benedicto Monteiro recorrendo a sua vasta experiência literária, contextualizou a história do Pará, com todas as suas nuances e dimensões, resgatando, de forma didática, os

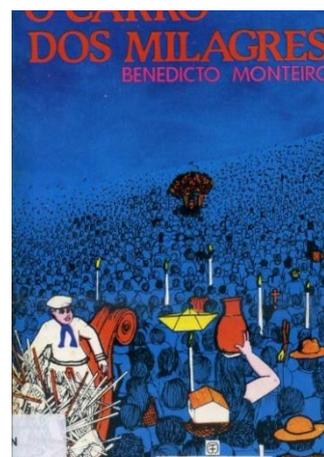


Fonte:  
<https://www.livronautas.com.br/images/autor/maior/5444-autor-benedicto-wilfred-monteiro.jpg>

valores da rica cultura paraense, lançando em parceria com as Organizações Rômulo Maiorama - ORM, a obra História do Pará, distribuída em fascículos encartados pelo jornal "O Liberal" no ano de 2001. Esta obra representa a síntese da história paraense, desde os fundamentos da pré-história amazônica à sua contemporaneidade, sob o ponto de vista econômico, geográfico, social, político e ecológico<sup>8</sup>.

## O CARRO DOS MILAGRES

O Livro *O Carro dos Milagres* é uma coletânea de narrativas publicada em 1975, durante os Anos de chumbo (Ditadura Militar), de censura à cultura escrita. Premiada pela Academia Paraense de Letras, a presente coletânea contém relatos de um caboclo que vem da brenha das matas amazônicas contar suas histórias, memórias, culturas e saberes. Das sete narrativas, é importante focar aquela que contém o mesmo título do livro: *O Carro dos Milagres*.



Fonte:  
<https://www.icbsena.com.br/livros/Carro%20dos%20milagres.jpg>

A novela *O Carro dos Milagres* apresenta a experiência de um caboclo no Círio de Nazaré em Belém/PA. Primeiramente, nota-se o diálogo entre dois caboclos que vieram acompanhar o Círio, sendo que o protagonista tem o interesse de pagar uma promessa que a sua mãe fez à Nossa Senhora de Nazaré do Retiro (ou do Desterro) quando o rapaz se encontrava em situação de perigo com sua canoa nas águas do Marajó. A mãe velha prometera a Santa que se seu filho fosse resguardado do temporal ele haveria de levar um barco a vela de miriti durante a procissão<sup>9</sup>.

## PROCEDIMENTOS:

- a) O professor convida a turma a caminhar pelo quarteirão da escola, despertando nos alunos, mediante um olhar mais crítico, o desejo de valorizar, preservar e registrar a realidade que o rodeia.
- b) Os alunos, em equipes, são convidados a fotografar tudo aquilo que lhe chama a atenção no bairro onde moram.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.livronautas.com.br/ver-autor/5444/benedicto-monteiro>. Acesso em: 15 fev. 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <http://lfeioleituras.blogspot.com/2012/05/carro-dos-milagres-de-benedicto.html#:~:text=Este%20carro%20foi%20introduzido%20na,mote%20lend%C3%A1rio%20de%20ra%C3%ADzes%20lusitanas>. Acesso em: 15 fev. 2021.

c) As equipes devem confeccionar e organizar um mural para exposição e apresentação na escola.

**Antes que o mundo acabe:** nesta oficina ao demonstrar aspectos da cultura amazônica como a fotografia, pode-se registrar elementos da fauna e flora locais e manifestações artístico-culturais da região. Nessa etapa, os alunos estarão lendo o capítulo 8, com fotografias. Pode-se fazer um trabalho com fotografia no entorno da escola e do bairro, fazendo uma comparação com as fotografias trocadas entre Daniel pai e filho, buscando traços característicos da realidade de outros povos com os povos que habitam a Amazônia brasileira. Pode-se solicitar aos alunos para que tirem fotografias de lugares que mais lhes chamam a atenção e, a partir da troca de cartas como Daniel e o pai, contar sobre as razões pelas quais as fotografias lhe chamaram a atenção.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Mídias digitais;
- Papel EVA;
- Papel laminado;
- Folhas de isopor;
- Papel crepom;
- Fita adesiva;
- Cola;
- Papel fotográfico;
- Tesoura, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, o conto *O carro dos milagres* é uma bela ilustração de imagens sobre a festividade do Círio de Nazaré em Belém do Pará, sob a ótica de um promesseiro/pescador/ribeirinho que, de todas as formas, deseja cumprir a promessa feita por sua mãe, como forma de pagamento à graça alcançada. Dessa forma, “[...] A procissão, os votos, o andor, a fé aparecem entrelaçados à bebedeira, às comidas,

aos casos de polícia, mostrando que o Círio é uma manifestação da cultura cristã em que sagrado e profano se mostram como duas faces da mesma moeda” (CASTRO, 2018, p. 77). Professor, é importante salientar ainda que, assim como a fotografia, a leitura do conto vai criando imagens numa relação mútua entre sagrado e profano, a partir do olhar do protagonista, isso porque “[...] As comparações estabelecidas pelo narrador entre as situações dramáticas vividas no Círio e suas experiências de vida, proporcionam a construção de imagens fortes e belas, especialmente para o leitor que tem alguma familiaridade com o contexto ribeirinho amazônico” (CASTRO, 2018, p. 76). A fotografia mobiliza o imaginário daquele que percebe a imagem captada pela lente de quem vivencia a experiência da Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece no segundo domingo de outubro em Belém.

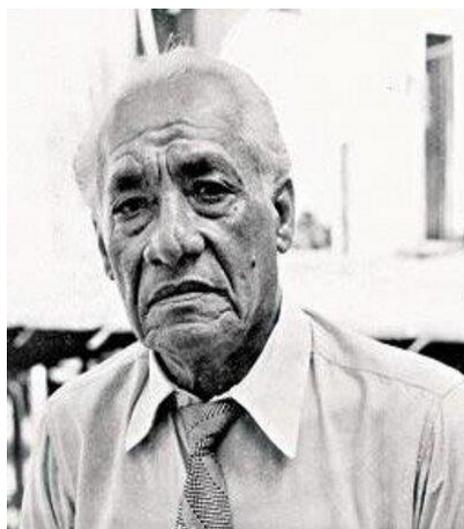
## OFICINA 6: DANÇAS TÍPICAS AMAZÔNICAS

### OBJETIVO:

Perceber nos movimentos corporais (dança) formas de expressão cultural e identitária de um povo.

### Bruno de Menezes

Bento de Menezes Costa (Bruno de Menezes, Belém (PA), 1893 – Manaus (AM), 1963). Publica, em 1920, seu primeiro livro de poesia, *Crucifixo*, na época, membro da Academia dos Poetas Paraenses. Em 1923 funda a revista literária *Belém Nova*, responsável pela divulgação da poesia modernista após a década de 20. Publica, no ano seguinte, *Bailado Lunar*, seguiram-se *Poesia* (1931), *Batuque* (1939), *Lua Sonâmbula* (1953), *Poema para Fortaleza* (1957) e *Onze Sonetos* (1960). Nos anos seguintes



Fonte: <https://www.escritas.org/autores/bruno-de-menezes.jpg>

escreve peças teatrais juninas para o grupo Pirapema e, em 1950, publica a novela *Maria*. Em 1954 torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Comissão Paraense de Folclore e lança o romance *Candunga*, com o qual ganha o Prêmio Estado do Pará. É presidente da Academia Paraense de Letras entre 1956 e

1957. Publica diversos livros sobre folclore, em 1958 e 1959, entre os quais *Boi Bumbá* e *Auto Popular*. Bruno de Menezes pertence à segunda geração do modernismo brasileiro. Segundo o crítico Dante Costa, ele realizou em sua obra uma transposição "das vivências do negro no Brasil, do fato folclórico, da realidade que não interessa apenas ao crítico literário, mas também e principalmente ao sociólogo, ao estudioso dos hábitos e costumes, ao etnógrafo do negro brasileiro"<sup>10</sup>.

## CANTIGA DE BATUQUE

Rufa o batuque na cadência alucinante  
– do jongo do samba na onda que banza.  
desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeios,  
cabindas cantando lundus as cubatas. (Bruno de Menezes)

O poema *Batuque* ou *Cantiga de Batuque* faz parte da obra *Batuque*, coletânea de poemas que fazem uma exaltação das raízes culturais afro-amazônicas, sobretudo o ritual de dança, pois “O ritmo forte e vibrante marcado pela cadência das palavras e dos instrumentos musicais mostra, em *Batuque*, a evolução



Fonte: <http://www.afreaka.com.br/notas/sensualidade-e-graca-lundu/>

de um ritual negro, acompanhado pelo erotismo dos corpos em requebros e preparação para o amor” (FARES, 2012, p. 129). A imagem ao lado mostra o lundu, dança praticada em alguns estados brasileiros, principalmente na região Norte, sendo uma das danças representativas dessa sensualidade afro-amazônica.

## PROCEDIMENTOS:

- a) O professor apresenta movimentos corporais sem melodia aos estudantes, instigando a turma a comentar sobre eles, buscando relacionar tais movimentos a determinada melodia.
- b) O professor, após o debate da turma, convida os alunos a assistir os movimentos acompanhados da melodia para que eles possam redimensionar ou confirmar suas expectativas.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4889/bruno-de-menezes>. Acesso em: 16 fev. 2021.

c) Os alunos, em grupos, são convidados a pesquisar sobre as danças típicas amazônicas, orientados a perceber a importância dessa manifestação artística para a construção da identidade do povo da Amazônia.

d) Coreografar uma dança típica amazônica e apresentá-la para as demais turmas da escola.

**Antes que o mundo acabe:** Esta oficina aborda o tema da africanidade, nos rituais de dança amazônica. Nesse momento, os alunos estarão lendo o capítulo 9, e a quinta carta de Daniel Vaz para Daniel, com fotografia. Como Daniel reagiria se morasse numa comunidade no interior da floresta amazônica, composta por remanescentes de quilombos? Será que ele teria as mesmas oportunidades de viajar e fotografar o mundo se fosse negro, de classe baixa, morador de comunidade quilombola? Como seria a vida de Daniel se ele morasse numa comunidade pobre? Pode-se trabalhar, com os alunos, oficinas sobre os ritos e rituais de dança dos povos que formam a região amazônica.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- TV;
- Caixa amplificadora;
- Mídias digitais;
- Figurino, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, o poema *Batuque* ou *Cantiga de Batuque* traz as vozes dos negros amazônicos em suas tradições, festividades e rituais, “[...] pois as danças africanas elencadas nos versos são tradições nortistas, como: bumbá, carimbó, jongo de samba e lundus, demarcando o espaço geográfico no qual o negro é cantado, o qual é visto, muitas vezes, como destituído de valores e crenças” (RODRIGUES, 2018, p. 28-29). O poema é um canto de exaltação à africanidade amazônica com suas cores, cheiros, ritmos e sabores. “O ritmo acompanha a abordagem temática: intenso, marcado pela cadência dos tantans na alegria dos amores; ou lento, marcado na batida leve do

couro surrado pela tristeza do tronco e da saudade da África” (FARES, 2012, p. 128). É interessante enfatizar também, professor, as contribuições da cultura africana para a formação cultural brasileira, não de forma simplista ou como mera informação, mas sobre os aspectos culturais e as relações de *saber* e *poder* que são construídas no cotidiano escolar. Pode-se abordar ainda a questão do racismo e o lugar do negro na sociedade de hoje.

## OFICINA 7: FESTIVAIS FOLCLÓRICOS AMAZÔNICOS

### OBJETIVO:

Despertar nos alunos o desejo de conhecer as raízes folclórico-culturais que foram determinantes para o processo de formação dos povos da Amazônia.

### José Maria Nunes Corrêa (Zezinho Corrêa)

José Maria Nunes Corrêa, o Zezinho Corrêa, nasceu em Carauari, município do Amazonas. Iniciou a carreira de cantor no teatro após fazer o curso de formação de ator na Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ). Fez parte do elenco de vários musicais até formar o grupo Carrapicho. Devido aos compromissos como cantor, Zezinho Corrêa não exerce mais a profissão de ator. Seu trabalho artístico foi totalmente voltado para o grupo Carrapicho<sup>11</sup>. Zezinho Corrêa faleceu em fevereiro de 2021, vítima da Covid-19.



Fonte:  
<https://edilenemafra.com/literatura/livro-sobre-a-carreira-e-vida-de-zezinho-correa-sera-lancado-dia-28-de-dezembro-em-manaus/>

---

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://www.last.fm/pt/music/Zezinho+Corr%C3%AAa/+wiki#:~:text=Jos%C3%A9%20Maria%20Nunes%20Corr%C3%AAa%2C%20o,at%C3%A9%20formar%20o%20grupo%20Carrapicho>. Acesso em: 16 fev. 2021.

## FESTA DO BOI BUMBÁ

A festa do boi bumbá tem ligações com diversas tradições, africanas, indígenas e europeias, inclusive com festas religiosas católicas, sendo associada fortemente ao período de festas juninas, mas em algumas cidades como Guajará-Mirim (RO) e Macapá (AP) estas celebrações acontecem até nos últimos meses do ano<sup>12</sup>.



Fonte: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/festival-folclorico-de-parintins/>

O boi-bumbá é uma das variações do bumba meu boi, largamente praticado no Brasil. É uma das mais antigas formas de distração popular. Foi introduzido pelos colonizadores europeus, sendo a primeira expressão de teatro popular brasileiro.

O Festival de Parintins é um dos maiores responsáveis pela divulgação cultural do boi-bumbá. São três noites de apresentação nas quais são abordados, através das alegorias e encenações, aspectos regionais como lendas, rituais indígenas e costumes dos ribeirinhos<sup>13</sup>.

### PROCEDIMENTOS:

- a) O professor apresenta alguns festivais folclóricos da região, instigando os alunos a comentar sobre outros festivais que conhecem.
- b) Os alunos são direcionados a pesquisar sobre os festivais folclóricos da Amazônia, despertando-lhes o desejo de valorizar suas raízes culturais.
- c) A turma é dividida em grupo para que os alunos organizem uma exposição sobre os festivais da região amazônica.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/festa-de-boi-bumba-agita-o-fim-de-semana-em-macapá/>. Acesso em: 17 fev. 2021.

<sup>13</sup> Disponível em: [https://brasilescola.uol.com.br/brasil/aspectos-culturais-regiao-norte.htm#:~:text=As%20duas%20maiores%20festas%20populares,ocorre%20em%20junho%2C%20no%20Amazonas](https://brasilescola.uol.com.br/brasil/aspectos-culturais-regiao-norte.htm#:~:text=As%20duas%20maiores%20festas%20populares,ocorre%20em%20junho%2C%20no%20Amazonas.). Acesso em: 17 fev. 2021.

**Antes que o mundo acabe:** Esta oficina aborda a temática do hibridismo cultural entre as culturas afro-indígena e europeia, na formação cultural amazônica. Nessa fase, os alunos estarão lendo o capítulo 10, e a sexta carta de Daniel Vaz para Daniel, com fotografias. Nesse momento, pode-se buscar nas imagens fotografadas por Daniel Vaz em suas viagens pelo mundo, enviadas ao filho, a diversidade de povos e culturas e, a partir dessas imagens buscar elementos característicos de festas e festivais desses povos; pode-se enfatizar o hibridismo cultural acentuado pelo processo de globalização e, a consequente desaparecimento de muitos povos e suas culturas ao redor do mundo; pode-se chamar a atenção do aluno também para o crescente processo de aculturação dos povos amazônicos com a chegada de migrantes e imigrantes de diversos cantos do Brasil e do mundo, podendo destacar também as contribuições desses forasteiros à construção identitária e cultural amazônica.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Papel sulfite;
- Mídia digital;
- Papel EVA;
- Papel laminado;
- Cola;
- Papel fotográfico;
- Tesoura, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, a letra da música *Festa do boi bumbá* é uma boa sugestão para apresentar para o aluno a diversidade de festivais folclóricos na região Amazônica, demonstrando o apego às raízes culturais dos povos amazônicos. A canção exalta, a partir do ritmo da toada, a festividade do boi bumbá, com seus tambores, alegorias e uma performance que se apresenta pelo atravessamento de aspectos das culturas afro-indígena e europeia. É o hibridismo cultural tão marcante nas atividades culturais

amazônicas, da religiosidade cristã, atravessando os rituais sagrados indígenas, ao rufar dos tambores africanos. Nesse sentido, o Festival Folclórico do Boi Bumbá é um ritual híbrido, pois hibridação consiste em “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2015, p. 19). Professor, além dos aspectos da cultura amazônica sugeridos, outros aspectos podem ser abordados, a partir de seu olhar sobre a diversidade de festas e festivais folclóricos amazônicos.

## OFICINA 8: PINTURAS AMAZÔNICAS

### OBJETIVO:

Levar a turma a perceber, nas artes plásticas da região, traços da pintura amazônica como forma de aproximar os alunos da leitura e interpretação de imagens.

### Hélio Mello

Hélio Melo (1926-2001) nasceu e passou boa parte de sua vida dentro de um seringal. Grande expoente das artes plásticas do Acre. Autodidata, cursou apenas até a terceira série do antigo primeiro grau, porém, um homem multifário, pois também era compositor, músico e escritor. Seus livros revelam mais que um imaginário pessoal, pois são preciosidades que resgatam aspectos



Fonte: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>

peculiares da cultura amazônica, com suas lendas, histórias fantásticas e reais. Hélio escreve a partir de suas vivências, o que agrega a seus escritos autenticidade e brados de vida. Conforme ressaltou Naylor George, na apresentação de *O caucho, a seringueira e seus mistérios*: “ele escreve o que conversa e o que sente da mesma maneira que pinta uma tela, ou ainda da mesma forma que toca um violino. Ele é a simbiose de uma arte múltipla que se revela clara e cristalina...”<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>. Acesso em: 16 fev. 2021.

## HOMEM DEFUMANDO

A pintura *Homem Defumando* (1989) aborda a situação socioeconômica do homem amazônico, que extrai e processa rusticamente o “leite<sup>15</sup>” da seringueira para a produção da borracha. Apesar de não ser uma atividade econômica lucrativa, hoje, ainda há essa prática nas florestas amazônicas. A imagem ao lado mostra a ação do corte da seringueira e as ferramentas que o seringueiro usa no dia a dia de trabalho.



Seringueiros e seus equipamentos (1987)

<https://almaacreana.blogspot.com/2009/10/helio-melo-arte-imita-vida.html>

## PROCEDIMENTOS:

- a) O professor apresenta algumas pinturas de autores amazônicos, instigando os alunos a falarem sobre suas impressões visuais sobre elas.
- b) Os alunos, em equipes, são convidados, a reproduzir as pinturas conforme suas impressões.
- c) Os alunos, individualmente, são levados a produzir um texto sobre suas impressões em relação à pintura.
- d) As equipes organizam um momento de socialização de suas produções, no pátio da escola.

---

<sup>15</sup> Expressão utilizada pelos caboclos/ribeirinhos/extrativistas para se referirem ao látex.

**Antes que o mundo acabe:** Esta oficina aborda o modo de vida do caboclo/ribeirinho/extrativista amazônico e o distanciamento social entre os povos da floresta e os da cidade, enfatizando o período do ciclo da borracha na Amazônia. Nessa etapa, os alunos estarão lendo os capítulos 11 e 12. Aqui, pode-se buscar, a partir das fotografias de Daniel Vaz, identificar os modos de vida dos povos fotografados e como o processo de globalização tem afetado o dia a dia desses povos; seria interessante também trazer para o plano da reflexão a situação socioeconômico-cultural dos povos amazônicos da cidade, do campo, das águas e da floresta; pode-se ampliar essa discussão para tentar desmistificar certa visão preconceituosa, estereotipada e muitas vezes exótica que se tem dos povos amazônicos, buscando despertar no aluno o reconhecimento identitário e cultural, na maioria das vezes, esquecido pela própria escola.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Tinta guache;
- Tinta para tela;
- Pincel;
- Tela para pintura, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, ao trabalhar a pintura *Homem Defumando* com seus alunos, deve-se atentar ao modo de vida do caboclo/ribeirinho/extrativista, homens e mulheres que buscam na floresta meios de sobrevivência, isso porque as práticas e saberes dos sujeitos comuns foram ignorados e negados por uma “racionalidade iluminada” que desconsiderou as diferenças culturais. Nesse sentido, a pintura, é uma forma de trazer para o plano da reflexão a atividade marginal dos anônimos que com sua “arte de fazer” moldou o látex e fez, desse movimento, a seringueira aflorar e se comunicar com o extrativista (BRAGA, 2018, p. 96). É preciso que leve em consideração também, em suas abordagens, como se deu o ciclo econômico da borracha na região amazônica, no final do século XIX. Porém o aspecto fundante da pintura é levar o

estudante a refletir sobre a situação de abandono dos seringueiros no interior da Amazônia, pois “Esses homens destemidos enfrentaram situações de grande perigo, lutando contra a força da natureza: calor, chuva, umidade, enchentes e vazantes dos rios, falta absoluta de comunicação e completo isolamento” (CASTRO, STORI, SANCHEZ, 2011, p. 4446). É importante lembrar também que os saberes são provenientes da experiência, do modo de vida, da relação e conhecimento que o seringueiro tem sobre a floresta, o que faz com que os extrativistas criem técnicas e instrumentos específicos para a realização dessa atividade econômica.

## OFICINA 9: CULINÁRIA AMAZÔNICA

### OBJETIVO:

Buscar na culinária amazônica elementos característicos dos povos tradicionais da Amazônia.

### Nilson Chaves

Nilson Chaves, nasceu em Belém do Pará onde começou sua carreira participando de festivais de música e compondo para grupos de teatro paraenses. Por volta de 1975 decide mudar-se para o Rio de Janeiro onde canta em casas de shows, compõe para espetáculos de



Fonte: <https://www.oliberal.com/cultura/musica/nilson-chaves-completa-68-anos-neste-domingo-8-1.323573>

teatro e dança e torna-se parceiro, entre outros, de Luli e Lucina e Thereza Tinoco, que registram essas parcerias em discos. Vencedor de vários festivais, lança seu primeiro *LP*, faz shows e o tempo se incube de mostrar-lhe que é na terra natal que corre a seiva de sua música. Dono de uma voz suave e sensibilidade de um compositor que capta as saudades e lembranças de sua terra, Nilson Chaves, ao deixar fluir essa combinação, encontrou seu caminho de cantador e violeiro amazônico<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.letras.com.br/nilson-chaves/biografia>. Acesso em: 15 fev. 2021.

## Lucinha Bastos

Luciete Bastos de Araujo, mais conhecida como Lucinnha Bastos (Belém do Pará, 1967) é uma cantora, violonista e compositora brasileira. É filha de Luciano Bastos, fundador do Banda Sayonara, de Belém. Foi a melhor intérprete de festivais no Pará e em Minas Gerais. Gravou um compacto duplo, três LPs e três CDs ao vivo. Participou de 14 discos, um LP e nove CDs de amigos, empresas e instituições<sup>17</sup>.



Fonte: <https://som13.com.br/lucinha-bastos>

## SABOR AÇAÍ

A canção Sabor açaí faz uma viagem ao seio da cultura amazônica que é rica em cheiro e sabores, enfatizando o fruto do açaizeiro como representativo dos povos que habitam a Amazônia. A música atribui ao fruto não somente a tarefa de saciar a fome, mas também “[...] uma relação histórica e cultural muito forte, uma relação com a terra, nos processos de plantio e colheita [...]” (SOUZA, p. 350, 2017), demonstrando o apego afetivo à floresta, às tradições e ao modo de viver simples do homem amazônico.



Fonte: <https://turismoparaense.blogspot.com/2017/07/a-culinaria-paraense-ganhou-um-dia.html>

## PROCEDIMENTOS:

- a) O professor apresenta algumas comidas típicas da região, incentivando os alunos a pesquisar mais sobre a culinária amazônica.
- b) Os alunos, em equipes, são convidados a expor à turma a pesquisa realizada sobre a culinária amazônica.
- c) As equipes apresentam os pratos típicos produzidos por elas e organizam um momento de socialização do que foi produzido ao final da apresentação.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://som13.com.br/lucinha-bastos>. Acesso em: 16 fev. 2021.

**Antes que o mundo acabe:** Esta oficina aborda a temática da diversidade da culinária e da cultura do Norte do Brasil, como o sincretismo religioso, o místico, o lendário. Nessa etapa, os alunos estarão lendo o capítulo 13. Nesse ponto, pode-se fazer um contraponto entre as comidas típicas da cidade e região onde Daniel mora com as comidas típicas da região Norte do Brasil, destacando a gastronomia paraense, eleita a melhor do Brasil em 2015. Será que o açaí e outros elementos da culinária local tem a mesma importância alimentar para os habitantes do centro-sul do Brasil com tem para os povos amazônicos? Se Daniel viesse visitar a região amazônica, tomaria o açaí de acordo com a tradição nortista: com farinha, peixe frito, etc., ou tomaria conforme a tradição do Sul: com banana, granola, etc.? Seria interessante nesta oficina, organizar uma noite cultural onde seriam apresentadas a culinária da região de Daniel e a culinária amazônica, enfatizando as influências culturais que dão sustentabilidade aos pratos típicos de cada região.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Laptop;
- Datashow;
- Mídias digitais, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Caro professor, ao trabalhar aspectos da cultura amazônica nas aulas de língua portuguesa como suporte para a formação leitora do aluno, faz-se necessário conhecer mais detalhadamente elementos que permeiam o fazer artístico da região, no contexto aqui exposto a música *Sabor Açaí* que, além de pôr em evidência a questão da culinária amazônica, aborda também outros componentes da diversidade cultural do Norte do Brasil como o sincretismo religioso, o misticismo, o lendário, pois o açaí, na letra da canção, não representa apenas um alimento destituído de significado, “[...] O fruto, que se encontra de forma abundante na região, se revela então como parte de um imaginário sociocultural mais amplo e não se encontra restrito a ser somente um produto ou objeto de consumo [...]” (SOUZA, 2017, p. 349). Além dos

aspectos elencados aqui, professor, você pode abordar outros que poderão estar imbricados na letra da música.

## **OFICINA 10: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS AMAZÔNICAS**

### **OBJETIVO:**

Levar os estudantes a perceber na contação de histórias traços dos povos que formam a Amazônia brasileira.

### **Maria do Socorro Simões**

Possui graduação em Licenciatura em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Federal do Pará – UFPA (1969), mestrado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1978) e doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1986).



Fonte: <https://agenciapara.com.br/noticia/14605/>

Atualmente é professora da Universidade Federal do Pará, coordenadora do Programa de Estudos Geo-BioCulturais da Amazônia - Campus Flutuante, da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase Literatura Portuguesa, História da Literatura e Estudo da Narrativa, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, narrativa, literatura, oralidade e cultura<sup>18</sup>.

### **Christophe Golder**

Possui graduação em License de Lettres Modernes - Universite de Paris III (Sorbonne-Nouvelle) (1981), mestrado em D.E.A. d'Etudes ibériques et ibéro-américaines - Université de Franche Comté (1983) e doutorado em Semiótica- Université de Franche Comté (1991). Atualmente é professor



Fonte: <https://www.oliberal.com/cultura/entre-o-imaginario-e-o-sonho-1.180838>

associado da UFPA, atuando principalmente nos seguintes temas: Semiótica, lirismo e

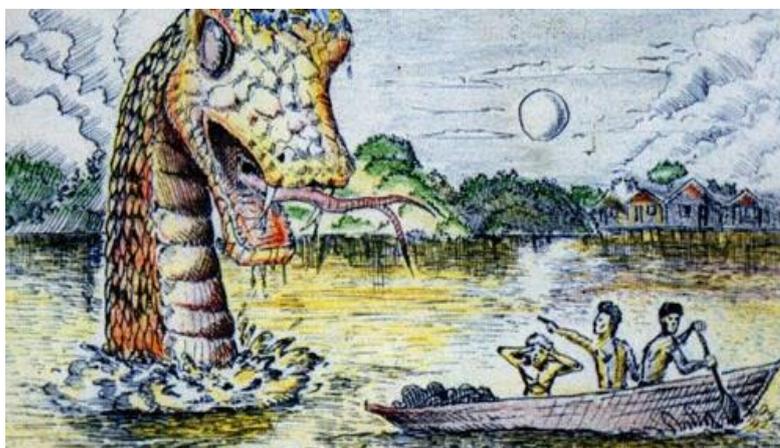
---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1501733/maria-do-perpetuo-socorro-galvao-simoes>. Acesso em: 17 fev. 2021.

tradução poética. As informações constantes neste currículo foram prestadas de boa fé<sup>19</sup>.

## O ENCANTO DE HONORATO

A Lenda da Cobra Grande é uma das mais conhecidas lendas do folclore amazônico que fala de uma imensa cobra, também chamada Boiúna, que cresce de forma gigantesca e ameaçadora, abandonando a floresta e passando a habitar a parte profunda dos rios. Ao rastejar pela terra firme, os sulcos que deixa se transformam nos igarapés<sup>20</sup>.



Fonte: <https://www.ahoradecolorir.com.br/2017/08/atividade-com-lendas-lenda-da-cobra.html>

### PROCEDIMENTOS:

- a) O professor convida contadores de história da comunidade para apresentarem suas histórias à turma, despertando, nos alunos, o desejo pela contação de histórias.
- b) Os alunos são convidados a contar histórias ouvidas na comunidade à turma.
- c) A turma é dividida em dupla para transformar as lendas e mitos em histórias em quadrinhos.
- d) A turma é dividida em grupo para que os alunos, mediante as histórias contadas, escolham uma delas para apresentar com teatro de fantoches.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/356729/christophe-golder>. Acesso em: 17 fev. 2021.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.ahoradecolorir.com.br/2017/08/atividade-com-lendas-lenda-da-cobra.html>. Acesso em: 16 fev. 2021.

**Antes que o mundo acabe:** Esta oficina aborda a questão identitária dos povos amazônicos, a partir do imaginário nos mitos e lendas da região amazônica. Nessa fase, os alunos estarão lendo o capítulo 14. Nesse momento, pode-se fazer alguns questionamentos sobre mitos e lendas urbanas. Será que Daniel, por morar em cidade grande do Sul do Brasil, conhece algum mito ou lenda? Se ele morasse na região amazônica conheceria? Será que os mitos e lendas da cidade grande são os mesmos de cidades pequenas, vilas, agrovilas e comunidades ribeirinhas? Pode-se pedir aos alunos para contarem mitos ou lendas que eles conhecem; pode-se solicitar também a eles para, a partir das lendas e mitos que conhecem, produzir novos mitos ou lendas.

#### **MATERIAIS E RECURSOS:**

- Material do professor;
- Material do aluno;
- Bonecos;
- Papel sulfite;
- Lápis de cor;
- Giz de cera;
- Papel de seda, etc.

#### **COMENTÁRIO AO PROFESSOR:**

Professor, é interessante buscar nas práticas de contação de histórias a relação identitária do imaginário amazônico, numa perspectiva de valorização da cultura dos povos que vivem às margens do rio da região, que passam a explicar aspectos da realidade através desse imaginário, onde o mítico e o real ganham forma por meio da oralidade. Nesse sentido, as atividades docentes nas escolas precisam dar voz a essa prática cultural, reafirmando o caráter identitário dos povos ribeirinhos, uma vez que cultura e identidade devem ser “[...] entendidas como aspectos e fundamentos que se encontram a cada dia construindo e (re)construindo os alicerces das escolas em seus mais diversos campos do conhecimento” (PARÁ, 2019, p. 97-98). Professor, pode-se chamar a atenção dos discentes para o fato de que os mitos tendem a explicar a origem das coisas da natureza, ao passo que as lendas são histórias narradas

a partir do imaginário das pessoas de dada comunidade (DE SÁ; EGAS, 2015, p. 25512-25513).

**Tabela 6:** *Oficinas de leitura* “Dialogando com a cultura amazônica”

OFICINA DE LEITURA	PRODUTO
Oficina 1: Poemas amazônicos	Produção de pinturas.
Oficina 2: Contos amazônicos	Produção de dramatização.
Oficina 3: Lendas amazônicas	Montagem de histórias em quadrinhos.
Oficina 4: Músicas amazônicas	Composição de paródias e produção de desenho/pintura.
Oficina 5: Imagens amazônicas	Confecção e Organização de mural para exposição de imagens e fotografias.
Oficina 6: Danças típicas amazônicas	Organizar a coreografia e fazer a apresentação de danças típicas amazônicas.
Oficina 7: Festivais folclóricos amazônicos	Organização de exposição sobre os festivais folclóricos.
Oficina 8: Pinturas amazônicas	Reprodução de pinturas e produção escrita.
Oficina 9: Culinária amazônica	Produção e reprodução dos pratos típicos da culinária amazônica.
Oficina 10: Contação de histórias amazônicas	Contação de histórias a partir de teatro de fantoche.

**Fonte:** elaborado pelo próprio autor.

As *oficinas de leitura* “Dialogando com a cultura amazônica” trazem uma abordagem sobre as representações culturais da Amazônia como forma de fazer com que os alunos percebam a importância de se preservar as tradições e identidade cultural dos povos que habitam a região, muitas vezes olhada como um lugar exótico, atrasado em relação ao restante do país. “[...] a literatura de autores que nasceram no Pará não pode deixar se designar apenas como exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos universais” (FARIAS, 2017, p. 242). Diante disso, a proposta de formação de leitor literário com o texto base *Antes que o mundo acabe*, a partir de oficinas de leitura sobre o fazer artístico-cultural amazônico, podem contribuir para uma

consciência identitária coletiva, isso porque “[...] Esse dinâmico processo de construção da identidade, *identificação*, nos permite auferir sobre uma criação literária mais ou menos localista tendo em vistas as condições de produção do discurso identitário” (AIRES, 2015, p. 139), uma vez que “[...] a Literatura Amazônica, como produção cultural de um povo, possa e deva ser acessada com uma maior facilidade pelos leitores mais próximos da experiência das obras literárias de cunho regional” (AIRES, 2015, p. 142).

Para a realização das oficinas, faz-se necessário confeccionar, elaborar e organizar os materiais de uso do dia a dia de sala de aula do professor e do aluno, entre outros recursos utilizados dentro e fora do ambiente escolar, a saber: livros, poemas, músicas, contos, papel cartão, cartolina, folhas de isopor, fita adesiva, fita crepe, papel crepom, barbante, tinta guache, pincel, figurino, maquiagem, tinta, papel sulfite, papel cinquenta quilos, pinturas, desenhos, lápis de cor, giz de cera, canetinha, mídias digitais, instrumentos musicais, papel EVA, papel laminado, papel fotográfico, tesoura, TV, cola, caixa amplificadora, tinta guache, tinta para tela, tela para pintura, laptop, internet, Datashow, bonecos de fantoche, papel de seda, entre outros materiais e recursos que poderão ser utilizados para a execução das oficinas de leitura.

## REFERÊNCIAS

AIRES, Romário dos Anjos. Literatura brasileira de expressão amazônica: perspectivas e concepções. **Letras Escreve** (ISSN 2238-8060), Macapá, v. 5, n. 1, p. 129-143, 1º semestre, 2015.

AMARAL, Graciele de Fátima. **A literatura dos povos indígenas**: uma análise de obras literárias na escola. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26893\\_13367.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26893_13367.pdf). Acesso em 27 mar. 2021.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRAGA, Waldina Ribeiro. **A cultura-cerâmica icoaraciense na escola**: a força pedagógica do currículo como política cultural. Orientadora: Joyce Otânia Seixas Ribeiro. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Básica) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, Brasília, n. 53, p. 199-217, jan./abr. 2018.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CASTRO, Anderson Magno Pires. **NEM LHE CONTO, COMPADRE**: uma proposta de leitura do conto O Carro dos Milagres, de Benedicto Monteiro. Orientadora: Marli Tereza Furtado. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

CASTRO, Rossini de Araújo; STORI, Norberto; SANCHEZ, Petra Sanchez. **Sociologia do trabalho na obra de Hélio Melo**. Disponível em: [http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/rossini\\_de\\_araujo\\_castro.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/rossini_de_araujo_castro.pdf). Acesso em: 16 fev. 2021.

CERNICCHIARO, Ana Carolina. Daniel Munduruku, literatura para desentortar o Brasil. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 12, n. 1, p. 15-24, jan./jun. 2017.

CUNHA, Marcelo Carneiro. **Antes que o mundo acabe**. 22ª Ed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2018.

DE SÁ, Gladys Oliveira; EGAS, Márcia Guedes. **Mitos e lenda indígenas e educação**: a valorização do patrimônio imaterial amazônico nas escolas públicas do município de Manaus. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21847\\_9369.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21847_9369.pdf). Acesso em: 16 fev. 2021.

DINIZ, Sylvania Pinheiro. O conto amazônico sob o olhar do colonizador europeu e o silenciamento dos indígenas e seringueiros colonizados. **Revista Tropos**, ISSN: 2358-212X, v. 6, n. 1, p. 1-13, jul. 2017.

FARES, Josebel Akel. Bruno de Menezes e o rufar dos tambores. **Boitatá**, Londrina, n. 13, p. 126-137, jan./jul. 2012.

FARES, Josebel Akel; FARES, Josse; NUNES, Paulo; VINAS, Rey. **Texto e Pretexto**: Experiência de educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores amazônicos. 3ª Ed. Belém: Editora Cejup, 1996.

FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. A literatura amazônica em sala de aula. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XXI, n. 3, p. 241-251, ago./set. 2017.

FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. "Acauã": barroquismo amazônico. **Contexto** (ISSN 2358-9566), Vitória, n. 37, p. 333-362, 2020/1.

FOLLE, Adriana. **Histórias que nos contam**: o imaginário indígena em narrativas de Daniel Munduruku. Orientadora: Luana Teixeira Porto. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2017.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Silêncio Guerreiro**. Disponível em: <https://almaacreana.blogspot.com/2018/06/poemas-de-marcia-wayna-kambeba.html>. Acesso em 10 out. 2020.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir**. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200008). Acesso em: 27 mar. 2021.

MONTEIRO, Benedito. **O carro dos milagres**: contos da Amazônia. 10ª ed. Belém: Cultural SEJUP-GERNASA, 1990.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/wjVcjStHfzFxCD9BCjtMZ2SVseb5aBrb27rG7JnGjUqTRtbHhNYtd55tNbYQ/texto-para-impressao-lp04-10ats-03.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

OLIVEIRA JR, Ademir Pinto Adorno; CIPOLA, Eva Sandra Monteiro. Musicalização no processo de aprendizagem infantil. **Revista Científica UNAR** (ISSN 1982-4920), Araras (SP), v. 15, n. 2, p. 126-141, 2017.

PARÁ. **Documento Curricular do Estado do Pará**: educação infantil e ensino fundamental. Secretaria de Estado de Educação. Belém: Secretaria de Estado de Educação, Secretaria Adjunta de Ensino, 2019.

RODRIGUES, Mayara Cristiny Souza Martins. A poética afro-brasileira e a Amazônia em Batuque de Bruno de Menezes. **Revista Ribanceira**, UEPA, ISSN Eletrônico: 2318-9746, n. 12, p. 22-38, jan./mar. 2018.

SALES, Germana Maria Araújo; SILVA, Alan Victor Flor da. Os escritores da Amazônia do século XIX para além das histórias literárias. **Revista Anpolln**, Florianópolis, n. 43, p. 35-47, jul./dez. 2017.

SIMÔES, Maria do Socorro; GOLDER, Christophe (coordenadores). **Abaetetuba conta...** o imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense. Belém: Editora Cejup, Universidade Federal do Pará, 1995.

SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, Jairo de Araújo. Sujeitos, Identidades e outra(s) Amazônia(s) nas letras das canções de Nilson Chaves. **Muiraquitã**, UFAC, ISSN 2525-5924, v. 5, n. 2, p. 344-362, 2017.

## TEXTOS A SEREM TRABALHADOS NAS OFICINAS DE LEITURA

### Oficina 1: Poemas Amazônicos

#### SILÊNCIO GUERREIRO

No território indígena  
O silêncio é sabedoria milenar  
Aprendemos com os mais velhos  
A ouvir, mais que falar.

No silêncio da minha flecha  
Resisti, não fui vencido  
Fiz do silêncio a minha arma  
Pra lutar contra o inimigo.

Silêncio é preciso,  
Para ouvir o coração,  
A voz da natureza  
O choro do nosso chão.

O canto da mãe d'água  
Que na dança com o vento  
Pede que a respeite  
Pois é fonte de sustento.

É preciso silenciar  
Para pensar na solução  
De frear o homem branco  
E defender o nosso lar  
Fonte de vida e beleza  
Para nós, para a nação!

Márcia Wayna Kambeba

### Oficina 2: Contos Amazônicos

#### O ROUBO DO FOGO

Povo Guaraní (Mito Guarani)

Em tempos antigos, os Guarani não sabiam acender fogo. Na verdade, eles sabiam apenas que existia o fogo, mas comiam alimentos crus, pois o fogo estava em poder dos urubus.

O fogo estava com essas aves porque foram elas que primeiro descobriram um jeito de se apossar das brasas da grande fogueira do sol. Numa ocasião, quando o sol estava bem fraquinho e o dia não estava muito claro, os urubus foram até lá e retiraram algumas brasas, as quais tomavam conta com muito cuidado e zelo. Era por isso que somente estas aves comiam seu alimento assado ou cozido e nenhum outro da floresta tinha este privilégio.

É claro que todos os urubus tomavam conta das brasas como se fosse um tesouro precioso e não permitiam que ninguém delas se aproximasse. Os homens e os outros animais viviam irritados com isso. Todos queriam roubar o fogo dos urubus, mas ninguém se atrevia a desafiá-los.

Um dia, o grande herói Apopocúva retornou de uma longa viagem que fizera. Seu nome era Nhanderequeí, Guerreiro respeitado por todo o povo, decidiu que iria roubar o fogo dos urubus. Reuniu todos os animais, aves e homens da floresta e contou o plano que tinha para enfrentar os temidos urubus, guardiões do fogo. Até mesmo o pequeno curucu, que fora convidado, compareceu dizendo que também tinha muito interesse no fogo.

Todos já reunidos, Nhanderequeí expôs seu plano:

– Todos vocês sabem que os urubus usam fogo para cozinhar. Eles não sabem comer alimento cru. Por isso vou me fingir de morto bem debaixo do ninho deles. Todos vocês devem ficar escondidos e quando eu der uma ordem, avancem para cima deles e os espantem daqui. Dessa forma, poderemos pegar o fogo para nós.

Todos concordaram e procuraram um lugar para se esconder. Não sabiam por quanto tempo iriam esperar. Nhanderequeí deitou-se. Permaneceu imóvel por um dia inteiro.

Os urubus, lá do alto, observaram com desconfiança. Será que aquele homem estava morto mesmo ou estava apenas querendo enganá-los? Por via das dúvidas preferiram aguardar mais um pouco.

O herói permaneceu o segundo dia do mesmo jeito. Sequer respirava direito para não criar desconfianças nos urubus que continuavam rodeando seu corpo. Foi no fim do terceiro dia, no entanto, que as aves baixaram as guardas. Ficavam imaginando que não era possível uma pessoa fingir-se de morta por tanto tempo. Ficavam confabulando entre si:

– Olhem, meus parentes urubus - dizia o chefe urubu - nenhum homem pode fingir-se de morto assim. Já decidi: vamos comê-lo. Podem trazer as brasas para fazermos a fogueira.

Um grande alarido se ouviu. Os urubus aprovaram a decisão de seu chefe, e por isso imediatamente partiram para buscar as brasas. Trouxeram e acenderam uma fogueira bonita e vistosa.

O chefe dos urubus ordenou, então, que trouxessem a comida para ser assada. Um verdadeiro batalhão foi até a presa e a trouxe em seus bicos e garras. Eles acharam o corpo do herói um pouco pesado, mas isso consideraram bom, assim daria para todos os urubus.

Eles colocaram Nhanderequeí sobre o fogo, mas graças a uma resina que ele passou pelo corpo, o fogo não o queimava. Num certo momento, o herói se levantou do meio das brasas dando um grande susto nos urubus, que atônitos, voaram todos. Nhanderequeí aproveitou-se da surpresa e gritou a todos os amigos que estavam escondidos para que atacassem os urubus e salvassem alguma daquelas brasas ardentes.

Os urubus, vendo que se tratava de uma armadilha, se esforçaram o máximo que puderam para apagar as brasas, engoli-las e não permitirem que aqueles seres tomassem posse delas. Foi uma correria geral. Acontece, no entanto, que na pressa de salvar o fogo, quase todas as brasas se apagaram por terem sido pisoteadas.

Quando tudo se acalmou, Nhanderequeí chamou a todos e perguntou quantas brasas haviam conseguido. Uns olhavam para os outros na tentativa de saber quem

havia salvo alguma brasinha, mas qual foi a tristeza geral ao se depararem com a realidade: ninguém havia salvado uma pedrinha sequer.

– Só temos carvão e cinzas - disse alguém no meio da multidão.

– E para que nos há de servir isso? - falou Nhanderequeí. – Nossa batalha contra os urubus de nada valeu!

Acontece que, por trás de todos, saiu o pequeno curucu, dizendo:

– Durante a luta os urubus se preocuparam apenas com os animais grandes e não notaram que eu peguei uma brasinha e coloquei na minha boca. Espero que ainda esteja acesa. Mas pode ser que...

– Depressa. Pare de falar, meu caro curucu. Não podemos perder tempo. Dê-me esta brasa imediatamente - disse Nhanderequeí, tomando a brasa em suas mãos e soprando levemente.

Todos os animais ficaram atentos às ações do herói que tratava com muito cuidado aquele pequeno luzeiro. Pegou-o na mão e colocou um pouquinho de palha e soprou novamente. Com isso ele conseguiu um pequeno riozinho de fumaça. Isso foi o bastante para incomodar os animais, que logo disseram:

– Se o fogo sempre faz fumaça, não será bom para nós. Nós não suportamos fumaça.

Dizendo isso, os bichos foram embora, deixando o fogo com os homens e com as aves.

Nhanderequeí soprou de novo. Ele fazia com todo cuidado, com todo jeito. Logo em seguida à fumaça, aconteceu um cheiro de queimado. Isso foi o bastante para que as aves se incomodassem e dissessem:

– Nós não gostamos desse cheiro que sai do fogo. Isso não é bom para as aves. Fiquem vocês com este fogo.

Dizendo isso, Nhanderequeí soprou ainda mais forte e, finalmente, as chamas apareceram no meio da palha e do carvão que sustentaram o fogo aceso para sempre.

Percebendo que tudo estava sob controle, o herói ordenou que seus parentes encontrassem madeiras canelinha, criciúma, cacho de coqueiro e cipó-de-sapo e as usassem sempre toda vez que quisessem acender e conservar o fogo. Além disso, o corajoso herói ensinou os Apopocúva a fazer um pilãozinho onde guardar as brasas e assim conservar o fogo para sempre.

Dizem os velhos desse povo que até os dias de hoje os Apopocúva guardam o pilãozinho e aquelas madeiras.

Daniel Munduruku

### **Oficina 3: Lendas Amazônicas**

#### **ACAUÃ**

O CAPITÃO JERÔNIMO FERREIRA, morador da antiga vila de S. João Batista de Faro, voltava de uma caçada a que fora para distrair-se do profundo pesar causado pela morte da mulher, que o deixara subitamente só com uma filhinha de dois anos de idade.

Perdida a calma habitual de velho caçador, Jerônimo Ferreira transviou-se e só conseguiu chegar às vizinhanças da vila quando já era noite fechada.

Felizmente, a sua habitação era a primeira, ao entrar na povoação pelo lado de cima, por onde vinha caminhando, e por isso não o impressionaram muito o silêncio e a solidão que a modo se tornavam mais profundos à medida que se aproximava da

vila. Ele já estava habituado à melancolia de Faro, talvez o mais triste e abandonado dos povoados do vale do Amazonas, posto que se mire nas águas do Nhamundá, o mais belo curso d'água de toda a região. Faro é sempre deserta. A menos que não seja algum dia de festa, em que a gente das vizinhas fazendas venha ao povoado, quase não se encontra viva alma nas ruas. Mas se isso acontece à luz do sol, às horas de trabalho e de passeio, à noite a solidão aumenta. As ruas quando não sai a lua, são de uma escuridão pavorosa. Desde as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do murucututu ou o lúgubre uivar de algum cão vagabundo, apostando queixumes com as águas múrmuras do rio.

Fecham-se todas as portas. Recolhem-se todos, com um terror vago e incerto que procuram esconjurar, invocando:

- Jesus, Maria, José!

Vinha, pois, caminhando o capitão Jerônimo a solitária estrada, pensando no bom agasalho da sua fresca rede de algodão trançado e lastimando-se de não chegar a tempo de encontrar o sorriso encantador da filha, que já estaria dormindo. Da caçada nada trazia, fora um dia infeliz, nada pudera encontrar, nem ave nem bicho, e ainda em cima perdera-se e chegava tarde, faminto e cansado. Também quem lhe mandara sair à caça em sexta-feira? Sim era uma sexta-feira, e quando depois de uma noite de insônia se resolvera a tomar a espingarda e a partir para a caça, não se lembrara que estava num dia por todos conhecido como aziago, e especialmente temido em Faro, sobre que pesa o fado de terríveis malefícios.

Com esses pensamentos, o capitão começou a achar o caminho muito comprido, por lhe parecer que já havia muito passara o marco da jurisdição da vila. Levantou os olhos para o céu a ver se se orientava pelas estrelas sobre o tempo decorrido. Mas não viu estrelas. Tendo andado muito tempo por baixo de um arvoredor, não notara que o tempo se transtornava e achou-se de repente numa dessas terríveis noites do Amazonas, em que o céu parece ameaçar a terra com todo o furor da sua cólera divina.

Súbito, o clarão vivo de um relâmpago, rasgando o céu, mostrou ao caçador que se achava a pequena distância da vila, cujas casas, caiadas de branco, lhe apareceram numa visão efêmera. Mas pareceu-lhe que errara de novo o caminho, pois não vira a sua casinha abençoada, que devia ser a primeira a avistar. Com poucos passos mais, achou-se numa rua, mas não era a sua. Parou e pôs o ouvido à escuta, abrindo também os olhos para não perder a orientação de um novo relâmpago.

Nenhuma voz humana se fazia ouvir em toda a vila; nenhuma luz se via; nada que indicasse a existência de um ser vivente em toda a redondeza. Faro parecia morta.

Trovões furibundos começaram a atroar os ares. Relâmpagos amiudavam-se, inundando de luz rápida e viva as matas e os grupos de habitações, que logo depois ficavam mais sombrios.

Raios caíram com fragor enorme, prostrando cedros grandes, velhos de cem anos. O capitão Jerônimo não podia mais dar um passo, nem já sabia onde estava. Mas tudo isso não era nada. Do fundo do rio, das profundezas da lagoa formada pelo Nhamundá, levantava-se um ruído que foi crescendo, crescendo e se tomou um clamor horrível, insano, uma voz sem nome que dominava todos os ruídos da tempestade. Era um clamor só comparável ao brado imenso que hão de soltar os condenados no dia do Juízo Final.

Os cabelos do capitão Ferreira puseram-se de pé e duros como estacas.

Ele bem sabia o que aquilo era. Aquela voz era a voz da cobra grande, da colossal sucuriju que reside no fundo dos rios e dos lagos. Eram os lamentos do monstro em laborioso parto.

O capitão levou a mão à testa para benzer-se, mas os dedos trêmulos de medo não conseguiram fazer o sinal-da-cruz. Invocando o santo do seu nome, Jerônimo Ferreira deitou a correr na direção em que supunha dever estar a sua desejada casa. Mas a voz, a terrível voz aumentava de volume. Cresceu mais, cresceu tanto afinal, que os amidos do capitão zumbiram, tremeram-lhe as pernas e caiu no limiar de uma porta.

Com a queda, espantou um grande pássaro escuro que ali parecia pousado, e que voou cantando:

- Acauã, acauã!

Muito tempo esteve o capitão caído sem sentidos. Quando tornou a si, a noite estava ainda escura, mas a tempestade cessara. Um silêncio tumular reinava, Jerônimo, procurando orientar-se, olhou para a lagoa e viu que a superfície das águas tinha um brilho estranho como se a tivessem untado de fósforo. Deixou errar o olhar sobre a toalha do rio, e um objeto estranho, afetando a forma de uma canoa, chamou-lhe a atenção. O objeto vinha impelido por uma força desconhecida em direção à praia para o lado em que se achava Jerônimo. Este, tomado de uma curiosidade invencível, adiantou-se, meteu os pés na água e puxou para si o estranho objeto. Era com efeito uma pequena canoa, e no fundo dela estava uma criança que parecia dormir. O capitão tomou-a nos braços. Nesse momento, rompeu o sol por entre os animais de uma ilha vizinha, cantaram os galos da vila, ladraram os cães, correu rápido o rio perdendo o brilho desusado. Abriram-se algumas portas. À luz da manhã, o capitão Jerônimo Ferreira reconheceu que caíra desmaiado justamente no limiar da sua casa.

No dia seguinte, toda a vila de Faro dizia que o capitão adotara uma linda criança, achada à beira do rio, e que se dispunha a criá-la, como própria, conjuntamente com a sua legítima Aninha.

Tratada efetivamente como filha da casa, cresceu a estranha criança, que foi batizada com o nome de Vitória.

Educada da mesma forma que Aninha, participava da mesa, dos carinhos e afagos do capitão, esquecido do modo por que a recebera.

Eram ambas moças bonitas aos 14 anos, mas tinham tipo diferente.

Ana fora uma criança robusta e sã, era agora franzina e pálida. Os anelados cabelos castanhos caíam-lhe sobre as alvas e magras espáduas. Os olhos tinham uma languidez doentia. A boca andava sempre contraída, numa constante vontade de chorar. Raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca e na fronte baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lágrima, Aninha tinha um ar tristonho, que a todos impressionava, e se ia tomando cada dia mais visível.

Na vila dizia toda a gente:

- Como está magra e abatida a Aninha Ferreira que prometia ser robusta e alegre.

Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos.

As duas companheiras afetavam a maior intimidade e ternura recíproca, mas o observador atento notaria que Aninha evitava a companhia da outra ao passo que

esta a não deixava. A filha do Jerônimo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, uma repulsão, alguma coisa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros.

Nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória, áspera e dura. Aninha, ao pé de Vitória, parecia uma escrava junto da senhora.

Tudo, porém, correu sem novidade, até ao dia em que completaram 15 anos, pois se dizia que eram da mesma idade. Desse dia em diante, Jerônimo Ferreira começou a notar que a sua filha adotiva ausentava-se da casa frequentemente, em horas impróprias e suspeitas, sem nunca querer dizer por onde andava. Ao mesmo tempo que isso sucedia, Aninha ficava mais fraca e abatida. Não falava, não sorria, dois círculos arroxeados salientavam-lhe a morbidez dos grandes olhos pardos. Uma espécie de cansaço geral dos órgãos parecia que lhe ia tirando pouco a pouco a energia da vida.

Quando o pai chegava-se a ela e lhe perguntava carinhosamente:

- Que tens, Aninha?

A menina, olhando assustada para os cantos, respondia em voz cortada de soluços:

- Nada, papai.

A outra, quando Jerônimo a repreendia pelas inexplicáveis ausências, dizia com altivez e pronunciado desdém:

- E que tem vosmecê com isso?

Em julho desse mesmo ano, o filho de um fazendeiro do Salé, que viera passar o S. João em Faro, enamorou-se da filha de Jerônimo e pediu-a em casamento. O rapaz era bem-apegoado, tinha alguma coisa de seu e gozava de reputação de sério. Pai e filha anuíram gostosamente ao pedido e trataram dos preparativos do noivado. Um vago sorriso iluminava as feições delicadas de Aninha. Mas um dia em que o capitão Jerônimo fumava tranquilamente o seu cigarro de tauari à porta da rua, olhando para as águas serenas do Nhamundá, a Aninha veio se aproximando dele a passos trôpegos, hesitante e trêmula, e, como se cedesse a uma ordem irresistível, disse, balbuciando, que não queria mais casar.

- Por quê? - foi a palavra que veio naturalmente aos lábios do pai tomado de surpresa.

Por nada, porque não queria. E, juntando as mãos, a pobre menina pediu com tal expressão de sentimento, que o pai enleado, confuso, dolorosamente agitado por um pressentimento negro, aquiesceu, vivamente contrariado.

- Pois não falemos mais nisso.

Em Faro, não se falou em outra coisa durante muito tempo, senão na inconstância da Aninha Ferreira. Somente Vitória nada dizia. O fazendeiro do Salé voltou para as suas terras, prometendo vingar-se da desfeita que lhe haviam feito.

E a desconhecida moléstia da Aninha se agravava a ponto de impressionar seriamente o capitão Jerônimo e toda a gente da vila.

Aquilo é paixão recalcada, diziam alguns. Mas a opinião mais aceita era que a filha do Ferreira estava enfeitçada.

No ano seguinte, o coletor apresentou-se pretendente à filha do abastado Jerônimo Ferreira.

- Olhe, seu Ribeirinho, disse-lhe o capitão, é se ela muito bem quiser, porque não a quero obrigar.

Mas eu já lhe dou uma resposta nesta meia hora.

Foi ter com a filha e achou-a nas melhores disposições para o casamento. Mandou chamar o coletor, que se retirara discretamente, e disse-lhe muito contente:

- Toque lá, seu Ribeirinho, é negócio arranjado.

Mas, daí alguns dias, Aninha foi dizer ao pai que não queria casar com o Ribeirinho. O pai deu um pulo da rede em que se deitara havia minutos para dormir a sesta.

- Temos tolice?

E como a moça dissesse que nada era, nada tinha, mas não queria casar, terminou em voz de quem manda:

- Pois agora há de casar que o quero eu.

Aninha foi para o seu quarto e lá ficou encerrada até ao dia do casamento, sem que nem pedidos nem ameaças a obrigassem a sair.

Entretanto, a agitação de Vitória era extrema.

Entrava a todo o momento no quarto da companheira e saía logo depois com as feições contraídas pela ira.

Ausentava-se da casa durante muitas horas, metia-se pelos matos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos. Já não dirigia a palavra a seu protetor nem a pessoa alguma da casa.

Chegou, porém, o dia da celebração do casamento. Os noivos, acompanhados pelo capitão, pelos padrinhos e por quase toda a população da vila, dirigiram-se para a matriz. Notava-se com espanto a ausência da irmã adotiva da noiva. Desaparecera, e, por maiores que fossem os esforços tentados para a encontrar, não lhe puderam descobrir o paradeiro. Toda a gente indagava, surpresa:

- Onde estará Vitória?

- Como não vem assistir ao casamento da Aninha?

O capitão franzia o sobrolho, mas a filha parecia aliviada e contente. Afinal como ia ficando tarde, o cortejo penetrou na matriz, e deu-se começo a cerimônia.

Mas eis que na ocasião em que o vigário lhe perguntava se casava por seu gosto, a noiva põe-se a tremer como varas verdes, com o olhar fixo na porta lateral da sacristia.

O pai, ansioso, acompanhou a direção daquele olhar e ficou com o coração do tamanho de um grão de milho.

De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca, e ia subindo até ao teto da igreja. Era um espetáculo sem nome!

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. Uma confusão fez-se entre os assistentes. Todos queriam acudir-lhe, mas não sabiam o que fazer. Só o capitão Jerônimo, em cuja memória aparecia de súbito a lembrança da noite em que encontrara a estranha criança, não podia despegar os olhos da pessoa de Vitória, até que esta, dando um horrível brado, desapareceu, sem se saber como.

Voltou-se então para a filha e uma comoção profunda abalou-lhe o coração. A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. E ela nunca chorara, nunca desde que nascera se lhe vira uma lágrima nos olhos!

- Lágrimas! - exclamou o capitão, ajoelhando ao pé da filha.

- Lágrimas! - clamou a multidão tomada de espanto.

Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos o lindo cabelo. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente.

Todos os que assistiam a esta cena estavam comovidos. O pai, debruçado sobre o corpo da filha, chorava como uma criança.

De repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise.

Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-o por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:

- Acauã!

- Jesus! - bradaram todos caindo de joelhos.

E a moça, cerrando os olhos como em êxtase, com o corpo imóvel, à exceção dos braços, continuou aquele canto lúgubre:

- Acauã! Acauã!

Por cima do telhado, uma voz respondeu à de Aninha:

-Acauã! Acauã!

Um silêncio tumular reinou entre os assistentes. Todos compreendiam a horrível desgraça. Era o Acauã!

Inglês de Sousa

#### **Oficina 4: Músicas Amazônicas**

##### **OLHANDO BELÉM**

O sol da manhã rasga o céu da Amazônia  
Eu olho Belém da janela do hotel  
As aves que passam fazendo uma zona  
Mostrando pra mim que a Amazônia sou eu

Que tudo é muito lindo  
Ô ô ô ô ô  
É branco é negro é índio  
Ei ei ei eiô

No rio Tietê mora a minha verdade  
Sou caipira, sede urbana dos matos  
Um caipora que nasceu na cidade  
Um curupira de gravata e sapato

Sem nome sem dinheiro  
Ô ô ô ô ô  
Sou mais um brasileiro  
Ei ei ei eiô

Olhando Belém enquanto uma canoa desce o rio  
E um curumim assiste da canoa  
Um boeing riscando o vazio  
Eu posso acreditar que ainda dá pra gente viver numa boa  
Os rios da minha aldeia são maiores que os de Fernando Pessoa (bis)

Molhando meus olhos de verde floresta  
Sentindo na pele o que diz o poeta  
Eu olho o futuro e pergunto pra insônia  
Será que o Brasil nunca viu Amazônia

Eu vou dormir com isso  
Ô ô ô ô ô  
Será que é tão difícil  
Ei ei ei eiô

Olhando Belém enquanto uma canoa desce o rio  
E um curumim assiste da canoa  
Um boeing riscando o vazio  
Eu posso acreditar que ainda dá pra gente viver numa boa  
Os rios da minha aldeia são maiores que os de Fernando Pessoa (bis)

E o sol da manhã  
Rasga o céu da Amazônia...

Nilson Chaves & Celso Viáfara

## **Oficina 5: Imagens Amazônicas**

### **O CARRO DOS MILAGRES**

Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco a vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele mas foi para meu barco a vela colocar no Carro dos Milagres.

Promessa feita e jurada ao pé da imagem de Nossa Senhora do Retiro, na noite de lua cheia, três noites depois de medonho temporal.

Tive que correr terra - o senhor pensa - para cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos, esta veleira copiada da finada canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da Baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e Nossa Senhora de Nazaré. Já não digo, do forte vento, nem da furiosa chuva, nem da medonha água, que se coliam com a noite e o raio, para fazer aquele poder de inferno no meio do caminho que a gente tinha que passar. A água não tem cabelo. E a triste noite era tão lisa e desconforme, que a lua, as estrelas, a brisa andavam escondidas nos escuros escaninhos dos horizontes sem fim.

Eu mesmo não sei contar nada, depois que velas e mastros foram arrancados. Só sei que a canoa ficou totalmente desamparada no meio da mais negra escuridão. E só estou contandozinho esta história, porque fiquei agarrado num pau, horas e horas de bubuia, até que a maré vazante encalhou meu corpo entre raízes do manguê que fica bem na entrada do igarapé. Mas assim como a noite botou o inferno no meu

caminho, o dia trouxe a Providência Divina para me Socorrer. Esse mesmo temporal medonho e desconforme pampeiro de chuva, vento e raio bateu ainda por cima de maré cheia, para nossas bandas, onde a minha velha mãe rezava e pensava na nossa canoa, que nesse exato momento devia de estar fazendo a desinfeliz travessia. Ela, coitada, a pobre velha, não sabia se rezava para Nossa Senhora, se acendia a lamparina, se desamarrava a rede, ou se reparava a cumeeira da casa que o vento paresque queria porque queria arrancar. Na certa se benzia no estralo do trovão, no clareio do relâmpago e comia na praia açoitada. pra tomar do vento em remoinho, a porta de japá.

A pobre velha – o senhor pensa – apesar de sozinha na barraca invadida pela chuva, ainda teve o expediente de enfiar o quadro de Nossa Senhora entre as palhas da parede, que o forte vento não tinha conseguido despregar. Mas a rede, a branca rede, da minha velha mãe, tinha criado alma de vela e estava enfunada, por-força querendo carregar com casa-e-tudo pro meio da procela e navegar paresque, em riba das enormes ondas rumo à perigosa travessia. Minha mãe diz: que se não encontrasse terçado, e cortasse a corda da rede, o pano branco voltaria ao seu antigo destino. Era muito capaz de transformar esteios, caibros, palhas e japás, numa jangada que, depois de afrontar os ventos, seria jogada numa distante praia sujeita somente à correnteza nas marés. Certas coisas, meu compadre, - o senhor pensa trazem guardado o seu destino. Um belo dia ou numa triste noite: rasgam o céu como um raio; aparecem de repente como uma estrela; brotam inocente como uma semente; ou explodem em vida como uma flor. Esse pano branco da rede da minha velha mãe era um pedaço da vela-mestra de uma canoa naufragada que meu finado irmão guardava num baú velho como lembrança de tanta luta pelo mar. Minha mãe se lembrou disso na hora da tempestade. Tratou de cortar a corda da rede, para evitar que o pedaço de vela feito rede carregasse a barraca inteira pro meio do temporal. Coração de mãe o senhor pensa? - nunca se engana. E na hora do maior perigo é sempre o que fala mais certo. A velha então, quando viu a rede tufada feito vela, pensou logo na alma do meu irmão. E pensando no morto, rezou pelo vivo, que era eu e que estava no maior perigo na justa hora da mais difícil e aguniosa travessia.

Aí então, foi que surgiu a promessa deste barco. A rede foi cortada, o barco foi talhado, dias e dias armado e desarmado, assinzinho como o senhor está vendo: de pano de rede e tala de miriti. Todos dizem: que a minha vida, é o milagre desta promessa. Porque os outros tripulantes da canoa bateram o pacau. E devem de andar pelos cafundós do Judas servindo de comida para piranha nos peraus dessa imensa baía.

Agora o senhor veja: abaixo de Deus e Nossa Senhora, foi meu finado irmão e minha velha mãe com sua promessa, que salvaram este-um, que está contando aqui esta história aqui em riba desta canoa ancorada na lama deste cais. Mas o senhor acha então, que só estes três tragos de cachaça que nós bebemos dá mesmo, no duro, para fazer esta maior e dificultosa travessia? Minha mãe me disse que eu tinha que botar este barco com as próprias mãos no Carro dos Milagres. Vigie só - tem que ser, meu compadre - no carro andando, no meio de todo o povo e nos pés da Virgem de Nazaré.

Já tive olhando pro o carro parado no Largo da Sé, bem em frente à Catedral. Estava vazio de milagres, porque ainda era no lusco-fusco da manhã. O Carro, a modo, representava um barco. O Tinhoso, o Demo, estava figurado em forma de veado. Um cavaleiro correndo atrás do cujo, freava o animal no espaço, cai-não-cai no precipício. A Santa aparecia meia pregada no céu, entre raios de ouro luzindo no estandarte. E queria-porque-queria salvar o cavaleiro de cair no abismo. Abismo que

também figurava como água, água que era mar, que era rio, que era igarapé, tendo uma canoa em terrível perigo de se afundar.

Mas quando dei por mim, chegava gente por todos lados: com pouco a praça estava cheia. Os sinos das igrejas começavam a tocar. Mas o senhor que é caboco acostumado nestas festas sabe muito bem, que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não tem começo nem fim. A gente sabe que a procissão começa mesmo na Catedral e se finda na Basílica. Isso todo mundo pensa e diz: que o trajeto do Círio anda pelas ruas principais. - Mas meu compadre, vamo tomar mais um gole de cachaça? - Olhe, o certo mesmo, de saída e de chegada, ninguém pode asseverar. Os preparativos, acompanhamentos, dispositivos de pessoas gradas e gentes religiosas que constituem em ordem esta digna procissão, é coisa difícil, bem difícil de se acompanhar. Onde está o Padre, por exemplo? O Bispo? O Chefe de Polícia e o Governador, o senhor sabe? Desde que hora o povo está nas ruas esperando o Círio? Da véspera? Da antevéspera? Donte? Dontonte? Desta noite ou des da manhã, o senhor sabe? E qual seja o digno trajeto, a passagem oficial dos peregrinos que vêm de todos os cantos para essa oficial tamanha procissão? O senhor imagina que é nas avenidas que o Círio trafega até chegar no arraial? Isso, por mais que me bote a maginar não entra na minha mente, compadre velho. - Vamos tomar mais uma, uma proncha de cachaça com este pedaço de peixe-frito. - Olhe, esta farinha amarela, até que serve com tira-gosto, é obra dos cabocos do Acará. - Um gole, mais um gole, talagada bruta da maldita! – Não faça cara feia, meu compadre, que a Santa castiga! Mas o senhor acha que todo o povo que veio pro Círio está enchendo estas ruas? Esperando nas calçadas? Entupindo as igrejas? Esparramado nas praças e olhando das portas e janelas desses enormes edifícios? Olhe eu, por exemplo, com este meu barco a vela que tenho na mão para depositar no Carro dos Milagres, estou por acaso rezando? Cantando? Em comportamento justo de devoto promesseiro esperando a milagrosa Santa? Nem me arreneque por causa disso, outros andam fazendo coisa muito pior. Olhe o Jozias, o Sigismundo, o Zé da Praia, o Mané do 0, que também trouxeram promessas pro Carro dos Milagres. Será que estão metidos no meio deste desconforme povo, ou já depositaram suas promessas ao pé da Virgem ainda no Largo da Sé? Nem diga, que esse mundão de gente que horas e horas passa na nossa frente, é o Círio propriamente dito. Cadê o Padre? O Bispo? O andor da Santa? Cadê o Carro dos Foguetes e a Berlinda? Sim, cadê o Carro dos Foguetes? As fanfarras? Cadê a cavalaria da Polícia Militar! Olhe, compadre, vamo tomar mais uma biritinha dessa pinga boa, e deixa o Círio tomar forma. Beba este trago. Lhe juro que é cachaça da boa, deixe o povo ingrossar. Deixe tomar parecença e solenidade justa de uma digna procissão. Quando este poder de povo tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, espremido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara, e cor não for mais cor. então é porque vem vindo o Carro dos Milagres. Não vá pensar que nessas horas, eu nem me mexa, estirado no baileu desta canoa. Papel desses, seu compadre não faz. Lhe juro que não fico que nem esse um, aí do nosso lado, que não aguentou o baque da maldita e nem o Círio aprecia do fundo da sua cachaça, feito mulambo em riba do toldo da "Flor do Arari". Não, compadre, papel desses, seu compadre não faz. Cachaça para mim é solavanco, é djutório perfeito, reforço desmedido de empreitada difícil, para cair na para água no lavar da malva, para aguentar o bruto sol ardendo no espinhaço, ou para enfrentar qualquer perigo de maior trabalho sem rir e sem chorar.

Agora vigie só: o chão sumiu por um encanto! A rua ficou muito estreita de tanta gente. Nossa vista não abarca nem começo nem fim. Mundão de gente, meu compadre! Chegou a hora de entrar neste fordução. É agora e já, meu compadre, o

senhor me acompanhe. Eu tenho que roer uma pupunha para chegar no Carro dos Milagres, carregando este barco-a-vela por cima de tantas cabeças. Mas ele vai, lhe garanto que ele vai: ora suspenso no aperto do povo, ora imprensado, espremido, empurrado, pisava, varando gente, gente, gente, até chegar no ponto de botar o barco no carro andando. E vem ele! E vem ele! E vem ele dê do largo, recolhendo as promessas na procissão. Olhe, compadre, agora vamos beber a saideira, dupla talagada, reforçada, por Deus! Definitivo trago, último, final! Porque o poder do povo está aumentando. - Veja bem: ninguém distingue mais uma pessoa inteira, completa total. A cor da roupa, a quem pertence? Pernas e braços, nem se fala... E vem! E vem compadre, a cavalaria! Olhe o piquete das fanfarras abrindo o cortejo do Carro dos Milagres. Agora! Agora está na hora de nós entrar no povo. E é já! Por favor não largue nem por um instante o rumo do barco a vela. Nem perca a direção do Carro dos Milagres. Preste atenção na cor da blusa. E olhe: qualquer coisa agarre. Agarre no cós da minha calça. Vombora! Vombora e já! Mas não patete, não trasteje! E trate sério: que vem o bruto Círio da Virgem Nossa Senhora de Nazaré.

Agora é que é: no meio deste povo, com este barco na mão, nem posso falar com o meu compadre. Se virar a cabeça para trás, posso até perder o rumo da viagem. Posso até comprar briga de festa, pisando em falso na prancha dum vivente. Por Deus, que eu não sei como vou tintiar esse barcona mão por cima de ombros e cabeças. Qualquer descuido, pisar em falso, brusco impurrão, acocho, aperto, arrocho, onde de povo se espremendo, se impurrando, se imprensando... Ei! Compadre, me responda, ao menos responda, que eu quero ao menos ouvir o rumo da sua voz. Faça como naquela noite, que tivemos que atravessar com a água no peito o Igarapé da Mata na varja-alta do teso do Catauari. Trouxa de roupa na cabeça, facão e garrafa de cachaça na cintura, igarapé lambendo a ribanceira... O senhor se lembra quando a luz da lamparina mergulhou de vez na água daquela baixa? Foi medonho estrupício de sombras fugindo pelas quebradas da mata. Depois, a escuridão de bubuia borbulhando na lama. O rumo só era dado pela voz: oi! oi! Oi! Basta responder como naquela noite no rumo da festa: oi! oi! Só mesmo os gritos descobriram o caminho e a distância que o escuro da noite acabava de esconder. Pisar na lama do fundo, meter o pé num buraco, topar de chofre numa raiz, esbarrar num peixe, estremecer de choque e susto de puraquê; isso tudo sem deixar a roupa-da-festa se molhar na água do rio. O senhor bem que se lembra dessa feita. Mas o senhor acha mais fácil, ou muito mais difícil, que carregar na mão como promessa, por cima de tantas cabeças, este barco-a-vela de tala de miriti?

Não lhe disse, compadre, para se agarrar no cós da minha calça! Agora é tarde, muito tarde. Sei que tenho que enfrentar sozinho essa ruma desconforme de gente. Será que esse pessoal danado, que cerca o Carro dos Milagres, vai mesmo deixar eu botar a minha promessa no devido lugar e com todo respeito? Jogar por cima das cabeças quase assim não serve. Pelo menos, não é conforme o prometido pela minha velha mãe. Pronto! Compadre, não lhe disse? Agora a vela do meu barco engatou num monte de balões! Minha Nossa Senhora! Lá vai a velazinha pendurada: monte de cores carregando um pedaço de vela! Eita pedaço de promessa! Eita pedaço de rede! Será que tu vai mesmo direitinho pro céu! Oh, velazinha branca armada na tala de miriti, quantas cores te carregam? Quantos céus te abarcam? Quantas nuvens te esperam? Eu sei que já correste no rio entre árvores e flores, já correste no mar voando sobre as ondas... Já até ensaiaste carregar nossa barraca feito barco no arrocho do temporal. Qual será o teu destino agora, nas asas deste vento, no meio de tantas cores e por cima de tantas cabeças?

Oh! Minha Nossa Senhora! Como é possível cumprir a sua promessa no meio deste povo. Se fosse para chegar num brejo, passar num atoleiro, varar na mata escura, atravessar um rio a nado ou vencer um igapó, este seu criado e muito que devoto romeiro já tinha chegado a que tempo. Até com aturá de castanha na costa, cambada de peixe na vara, ruma de seringa no ombro, peso no lombo de duas postas de pirarucu, a Senhora sabe que faço sem dificuldade qualquer travessia. Não tremo nem trastejo quando pulo em cima de um tronco de bubuia. E não sinto o menor sobroço quando pesco em riba de lama gulosa fazendo ponte de toro de açai. Mas agora, eu sei que nem inteira vai chegar esta promessa, já que a velazinha branca os balões coloridos carregaram... Agora resta só o casco... Nem sei se vale a pena pagar uma promessa assinzinha desfigurada. É o diacho: ter que forçar esta barreira de homens e policiais de braços dados, formada para proteger o Carro dos Milagres que recolhe no caminho tanto padecer. Me ajude agora, Nossa Senhora, que eu vou passar neste tamanho aperto. A promessa que eu trago foi feita da maior angústia, no maior carinho e desespero, assim foi prometido em canto e reza, em sobroço de alvoroço na mais angustiada devoção.

Pronto! Agora que aconteceu o pior: o barco escapuliu da minha mão. - Oh! Minha Nossa Senhora, estou quase desconfiado que o Demónio está solto neste meio. - Cadê o barco, cadê o barco, minha gente? Agora sem vela, sem tolda, sem mastro, sem leme, deve estar pisado que nem casca de banana. Não impurra, su mano, credo! Tenham modos. Nunca pensei que o Círio de Nossa Senhora fosse pior que o estouro da boiada, pior que cardume de peixe na malha da rede, pior que manada de búfalo solta no campo. Se um lote de cavalos estivesse passando por cima do meu corpo, talvez fosse menor o meu desespero.

Procurando o meu barco, perdi até o tamanho da rua. Perdi a distância das sarjetas, a grandeza da cidade e a cor e o espaço do céu. Só vejo pernas, pés e braços, sapatos e calcanhares. Um povo de cintura para baixo caminhando sem parar. Oh, minha Nossa Senhora, me diga, me diga mesmo, que este ajuntamento de gente seja uma digna procissão. Perdi primeiro o meu compadre. Depois, a vela enjambrada da rede pela minha velha mãe, os balões prenderam e carregaram. Finalmente, o barco caiu no meio do povo. E foi pisado e repisado por não sei quantos pés. Agora perdi o rumo e o destino da minha promessa. Afogado estou agora na onda deste povo. Mar de gente, gente que anda, que anda, que reza, que fala, que chora, que canta, que impurra, que grita, que pisa, que olha mas não olha, onda de povo andando, sempre andando, tropeçando, caminhando, ruas, casas, edifícios, foguetes, fanfarras, pés sobre pés, chão passando... pára-não-pára, anda-não-anda, pára, pedras, paralelepípedos... Meu Deus! Minha Nossa Senhora! Nenhum olhar, nenhuma cor, nenhum aceno de mão de gente conhecida, nenhum sinal de norte ou sul. O vento. Até o vento de onde vem? Para onde vai? De onde foi? O rumo, onde está o rumo? Onde está? Onde é que está? Onde é que estou?

Se fosse ao menos na baía, de noite, me guiava pelo setestrela. Se fosse na mata fechada, me guiava pela cor das folhas, pela pegada dos bichos, pela direção dos ventos, pelo jeito dos paus. Mas nesse mar de gente, qual é o ponto? Qual é o rumo que posso me agarrar? Pernas e pés andando, andando. Braços e mãos balançando, balançando. Calças e saias passando, passando, ondulando, movimento, movimento, cores, cores, mar de gente, gente, gente... Onde está o céu azul? Gente de umbigo para baixo, sem ombros, sem cabeças, sem mantilhas e sem chapéus. Foi por acaso no céu azul que os balões sumiram com a velazinha pendurada?

Égua! Inda mais este aperto querendo fechar minha garganta. Credo! Te esconjuro, cachaça mal arrumada! Te aquieta aí por baixo mesmo, que agora eu preciso demais desta cabeça para saber onde é qu'estou. De pernas, nem tanto preciso: posso ir até ajoelhado pagando promessa, cumprindo penitência pelo barco a vela que inútil, inútil se perdeu. Ah? Cachaça abaeté pura, queres mesmo derrubar será este velho conhecido? Bebedor afamado, duro na queda, seguro no copo, nunca, nunca jogado no chão. – Escolheste o povo pra tanta testemunha. Por que escolheste o povo pra tanta testemunha? – O Círio, a Santa, a manhã clara, a festa inteira da Virgem Padroeira, vão será ver a bruta queda destezinho aqui o teu comparsa? Não respeitas será a devoção do pobre para fazer tamanha desavença? Queres mesmo derrubar o céu azul na minha cabeça? Queres falsear pra mim até a linha do horizonte? Queres cavar buraco à-toa à-toa até em baixo do meus pés? S'inda fosse de noite, no terreiro, ou na praia bem deserta ainda desculpava esta zonzeira, esta tonteira, que aperta a minha cabeça e fecha cada vez mais minha garganta. Parece que o povo todo já está de cabeça para baixo: pernas e pés, calças e saias, sapatos e sandálias marchando contra o céu.

Mas aqui, no meio deste povo, depois que perdi o meu compadre, depois que perdi minha promessa, que enxerguei bem pertinho agarra-não-agarra, a Milagrosa Santa; e me perdi que me perdi – não, cachaça maldita – não desgraçada bebida, não sujeita aguardente. Má comparada consciência do Tinhoso: contigo eu luto! Luto que brigo, salto, piso, grito, choro que choro, mas não entrego este corpo, nem esta alma, que deviam de estar depositando santa promessa, no Carro dos Milagres, conforme o prometido desejo de minha velha mãe. Inda mais este maior aperto na garganta! Credo! Três vezes credo! Te esconjuro, péssimo vazio no estômago e maldito descontrole na cabeça!

Que o mundo girasse, cachaça maldita... que o povo sumisse... que todas as cores se misturassem... meu fraco entender apagasse de repente, por Deus, não era tamanha a tua malina traição! Mas fica caído assim nesta sarjeta, no largo da festa no meio do povo, bem perto da igreja, quase na ilhargá da Santa; te juro e te esconjuro, cachaça sujeita, - por Deus e Nossa Senhora, - noutra feita, tua forte malícia, traíçoeiro gosto, manhoso sujigar de forças e vontades; eu vomito. Te Juro que eu vomito no primeiro arroto que vier nesta garganta.

Benedicto Monteiro

## **Oficina 6: Danças Típicas Amazônicas**

### **CANTIGA DE BATUQUE**

- "Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!
- Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!"

Rufa o batuque na cadência alucinante  
– do jongo do samba na onda que banza.  
Desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeios,  
cabindas cantando lundus das cubatas.

Patichoulli cipó-catinga priprioca,

baunilha pau-rosa orisa jasmim.  
Gaforinhas riscadas abertas ao meio,  
crioulas mulatas gente pixaim...

- "Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!
- Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!"

Sudorâncias bunduns mesclam-se intoxicantes  
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.  
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada,  
as palmas batem o compasso da toada.

- "Eu tava na minha roça  
maribondo me mordeu!..."

Ó princesa Isabel! Patrocínio! Nabuco!  
Visconde do Rio Branco!  
Euzébio de Queiroz!

E o batuque batendo e a cantiga cantando  
lembram na noite morna a tragédia da raça!

Mãe Preta deu sangue branco a muito "Sinhô moço"...

- "Maribondo no meu corpo!
- Maribondo Sinhá.!"

Roupas de renda a lua lava no terreiro,  
um cheiro forte de resinas mandingueiras  
vem da floresta e entra nos corpos em requebros.

- "Nêga qui tu tem?
- Maribondo num dêxa
- Nêga trabalhá!..."

E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba,  
a onda que afunda na cadência sensual.  
O batuque rebate rufando banseiros,  
As carnes retremem na dança carnal!...

- "Maribondo no meu corpo!
- Maribondo Sinhá!
- É por cima é por baxo!
- é por todo lugá!"

## Oficina 7: Festivais Folclóricos Amazônicos

### FESTA DO BOI BUMBÁ

Tambores estão soando  
Anunciando festa do boi  
Guerreiros se preparando  
Arcos e flechas para guerrear  
As tribos na grande festa  
Caras pintadas grito no ar  
Bandeiras se agitando  
Minha galera tá tudo bem  
Eu grito eu danço e canto  
Bato palminhas pro meu bumbá  
Cunha a moça mais bela  
Vai te encantar  
Vem suas lendas com seus cantos  
Tem a floresta com seus encantos  
Pajé com seu ritual já vai começar  
Heiá, Heiá, Lá Lá, Lá Lá, Lá Lá,  
Heiá, Heiá, é festa de boi bumba  
Heiá, Heiá, Lá Lá, Lá Lá, Lá Lá,  
Heiá, Heiá, entra na dança é festa de boi bumbá.

Jose Maria Nunes Corrêa (Zezinho Corrêa)

## Oficina 8: Pinturas Amazônicas

### HOMEM DEFUMANDO



Hélio Melo

## **Oficina 9: Culinária Amazônica**

### **SABOR AÇAÍ**

E pra quê tu foi plantado  
E pra quê tu foi plantada  
Pra invadir a nossa mesa  
E abastar a nossa casa...

Teu destino foi traçado  
Pelas mãos da mãe do mato  
Mãos prendadas de uma deusa  
Mãos de toque abençoado...

És a planta que alimenta  
A paixão do nosso povo  
Macho fêmea das touceiras  
Onde Oxossi faz seu posto...

A mais magra das palmeiras  
Mas mulher do sangue grosso  
E homem do sangue vasto  
Tu te entrega até o caroço...

E tua fruta vai rolando  
Para os nossos alguidares  
E se entrega ao sacrifício  
Fruta santa, fruta mártir

Tens o dom de seres muito  
Onde muitos não têm nada  
Uns te chamam açazeiro  
Outros te chamam juçara...

Põe tapioca, põe farinha d'água  
Põe açúcar, não põe nada  
Ou me bebe como um suco  
Que eu sou muito mais que um fruto

Sou sabor marajoara  
Sou sabor marajoara  
Sou sabor...

Nilson Chaves & Lucinha Bastos

## Oficina 10: Contação de Histórias Amazônicas

### O ENCANTO DE HONORATO

*“Esta é uma versão  
absolutamente original.”*

Minha avó Isabel me contou que, uma vez, uma senhora ficou grávida e, durante sua gravidez, sentia muita coisa diferente, já que possuía cinco filhos e não havia sentido nada de diferente em outras vezes.

Quando se aproxima perto do parto, passou mal, que necessitou da presença da velha parteira, mesmo antes da hora do parto.

Quando chegou sua hora, em vez de nascer uma criança, nasceram duas cobras brancas.

A parteira as batizou com o nome de Honorato e Felizmina.

Passaram muitos anos, as duas cobras vivendo nas águas do rio Abaeté.

Honorato sempre dava conselhos a sua irmã, pedindo a ela que não se envolvesse com cobra estranha, pois tinha esperanças que, um dia, haviam de se desencantarem e, assim, viverem com pessoas humanas. Livrarem-se desses tormentos e tornarem-se a forma humana.

Um dia, Honorato foi chamado para resolver um assunto no rio Xingu e teve que deixar Felizmina, a sua irmã, por aqui.

Antes de sua partida, recomendou-a do trato que havia feito com ela: que o esperasse, que não se envolvesse com nenhuma cobra do fundo do rio.

Honorato partiu para sua missão. Passou algum tempo por lá e Felizmina pensou que não voltasse mais.

Namorou e engravidou de uma cobra do Moju. Antes um pouco de Honorato regressar, teve notícias que sua irmã havia se envolvido com uma cobra do Moju e que estava grávida.

Honorato, enraivecido pela traição, resolveu voltar por terra, pois sentia muita pressa.

Por onde ele passou, dizia a minha avó, que deixou marcas profundas nas terras e nas árvores, pois tão pesado era seu corpo que quebrava árvores pequenas e deixava rastro fundo na terra.

Chegando no rio Moju, travou uma luta tão forte com a cobra, amante de sua irmã, até matá-lo. E deixou sua irmã bastante ferida.

O povo do Moju contava, que durante uns oito dias, não puderam beber água do rio, tanto era o barro misturado na água, que [ ] comparavam com o tucupi.

Felizmina, em consequência da luta, não aguentou os ferimentos e veio a falecer.

Ficou Honorato sozinho, triste e desiludido, pois não conseguira fazer sua irmã mudar de ideia.

Saiu pelos rios em busca de uma pessoa corajosa, que pudesse desencantá-lo.

Apareceu para diversas pessoas. Todos diziam que tinham coragem, mas, quando chegava o momento, não apareciam ou não tinham coragem.

Triste, Honorato já estava desesperançoso que um dia fosse desencantar.

De repente, se lembrou de sua mãe e partiu no mesmo momento, e observou um horário que ela pudesse descer à margem do rio.

Descobriu que, todo dia, ela descia para lavar as peneiras, depois de amassar o açaí. Um dia ele apareceu para ela em forma humana e contou sua história e de sua irmã. Sua mãe disse:

- Não é possível. Eu só tenho cinco filhos e nenhum se parece com você - disse.

Ai, ele disse:

- Mãe, você se recorda das cobras que você teve e a parteira batizou com o seu leite?

A mãe disse:

- Lembro! Honorato!

Disse: -Sou eu mãe!

- E tua irmã?

Honorato relatou o acidente ocorrido e pediu a sua mãe que o desencantasse, pois já estava cansado dessa Vida, e queria viver, os restos de seus dias, ao lado de sua mãe, pois se achava muito doente, em consequência da luta que teve de travar com essa cobra desconhecida.

Sua mãe, emocionada, prometeu que o ajudaria. Que desencantaria.

Honorato, feliz, disse:

- Mãe compre uma faca nova, que ninguém tenha usado antes. E, meio-dia, em ponto, a senhora venha e retire de minha costa três escamas. Depois faça um ferimento de forma que faça sangue. É importante que faça Sangue! Fazendo sangue a senhora me desencanta.

A mãe acertou tudo.

No dia marcado, Honorato apareceu boiado, em forma de cobra, junto a um miritizeiro, que fazia, às vezes, de ponte.

Sua mãe chegou e, quase morreu de susto, ao ver aquela enorme cobra. Correu chorando e nada fez.

Honorato apareceu, no outro dia, e implorou que ela o desencantasse, que não tivesse medo, que ele não queria lhe fazer mal algum.

Ela disse que, dessa vez, iria e não teria mais medo.

Quando chegou o momento, a mãe de Honorato, com a faca nova, tirou-lhe três escamas de sua costa, mas, quando foi ferir, para tirar sangue, perdeu a coragem.

Honorato mergulhou e boiou em forma de um... Em forma humana, chorando, disse a ela:

- Ingrata, redobreste meu encanto.

E nunca mais apareceu em forma humana.

Pesquisadora: Ruth H. Dias

Informante: Joana Matos

Maria do Socorro Simões & Christophe Golder (Coordenadores)